



# DIÁRIO

## da Assembleia Nacional

XII LEGISLATURA (2022 – 2026)

2.ª SESSÃO LEGISLATIVA

### REUNIÃO PLENÁRIA DE 23 DE MAIO DE 2023

**Presidente:** Ex.<sup>ma</sup> Sra. Celmira Sacramento

**Secretários:** Ex.<sup>ma</sup> Sra. Bilaine Ceita

Ex.<sup>mos</sup> Srs. José Rui Cardoso  
Silvestre Mendes

#### SUMÁRIO

A Sra. Presidente declarou aberta a sessão às 9 horas e 15 minutos.

O Líder Parlamentar do MLSTP/PSD apresentou uma nota prévia de repúdio.

Deu-se início ao debate e apreciação conjuntos, na generalidade, das Propostas de Lei n.º 01/XII/1.ª/2023 – Lei das Grandes Opções do Plano (GOP) para o Ano Económico 2023 e n.º 02/XII/1.ª/23 – Orçamento Geral do Estado (OGE) para o Ano Económico 2023, após a apresentação das Propostas, pelo Primeiro-Ministro, Patrice Emery Trovoada, e do Parecer da 2.ª Comissão Especializada Permanente, pelo Sr. Deputado José Maria Barros (MLSTP/PSD).

De seguida, passou-se ao debate propriamente dito, em que usaram da palavra, além do Primeiro-Ministro e do Ministro do Plano, Finanças e Economia

Azul (Ginésio Afonso), que também responderam às questões levantadas, os Srs. Deputados Danilo Santos (MLSTP/PSD), José António Miguel (ADI), Afonso Varela (ADI), Osvaldo Abreu (MLSTP/PSD), Conceição Moreno (MLSTP/PSD), Levy Nazaré (BASTA), Abnildo d' Oliveira (ADI), Aleksander Lima (MCI/PS-PUN), Laudino Jesus (ADI), Ossáquio Riôa (ADI), Itelmiza Pires (ADI), Eláccio da Marta (MLSTP/PSD), Edmilson das Neves (ADI), Baltazar Quaresma (MCI/PS-PUN), José Maria Barros (MLSTP/PSD), Adllander Matos (MLSTP/PSD), Gabdulo Quaresma (MLSTP/PSD), Wuando Castro (MLSTP/PSD), Raúl Cardoso (MLSTP/PSD), João Leonardo (MCI/PS-PUN), Pedro Carvalho (ADI), Beatriz Azevedo (MCI/PS-PUN) e Ekeneide Santos (ADI).

A Sra. Presidente encerrou a sessão às 15 horas.

A Sra. **Presidente**: — Sras. e Srs. Deputados, existe quórum, pelo que declaro aberta a sessão.

*Eram 9 horas e 20 minutos.*

*Estavam presentes as seguintes e os seguintes Srs. Deputados:*

Acção Democrática Independente (ADI):

**Abnildo** do Nascimento **d'Oliveira**  
**Afonso** da Graça **Varela** da Silva  
**Alberto da Trindade Luís**  
**Aleksander** Monteiro da Conceição **Lima**  
**Arlindo** Quaresma **dos Santos**  
**Bilaine** Carvalho Viegas **de Ceita** do Nascimento  
**Celmira** de Almeida **do Sacramento** dos Santos Lourenço  
**Celisa** Maria Martins dos Reis **Aguiar**  
**Danilo** Francisco dos Santos **Quaresma**  
**Edmilson das Neves** Amoço  
**Ekeneide** Lima **dos Santos**  
**Elísio** Osvaldo do Espírito Santo d'Alva **Teixeira**  
**Hélder Santana de Nascimento**  
**Honório** Sousa **Pontes**  
**Itelmiza Duarte Monteiro Pires**  
**Jorge Sousa Pontes Amaro Bondoso**  
**José António** do Sacramento **Miguel**  
**José Carlos Cabral d'Alva**  
**Jozino** Malupane da **Veiga**  
**Laudino Afonso de Jesus**  
**Lourenço Aguiar Freitas**  
**Messias Luís Fernandes Pereira**  
**Nito de Sousa Viegas d'Abreu**  
**Orlando** Borges da **Mata**  
**Ossáquio** Perpétua **Riôa**  
**Pedro** Jorge de Abreu e **Carvalho**  
**Sólito** da Cunha Lisboa **Neto**  
**Silvestre** Moreno **Mendes**  
**Teodorico de Campos**  
**Wilter Kathelen das Neves Boa Morte**

Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe/Partido Social-Democrata (MLSTP/PSD):

**Adllander** Costa de **Matos**  
**Adelino** Cruz José da **Costa**  
**Arlindo Barbosa** Semedo  
**Ayza Fortes** da Silva  
**Conceição** Vieira **Moreno**  
**Danilo** Neves dos **Santos**  
**Elákcio** Afonso da **Marta**  
**Filomena** Sebastião Santana **Monteiro** D'Alva  
**Gabdulo** Luís Fernandes da Fonseca **Quaresma**  
**Jaime** Pires Sequeira de **Menezes**  
**Jorge** Lopes **Bom Jesus**  
**José Rui** Tavares Cardoso  
**José Maria** Afonso de **Barros**  
**Osvaldo** António Cravid Viegas d'Abreu  
**Osvaldo Eduardo João**  
**Osvaldo** Tavares dos Santos **Vaz**

**Raúl** do Espírito Santo **Cardoso**  
**Wuando** Borges de **Castro** de Andrade

Movimento de Cidadãos Independentes/Partido Socialista-Partido de Unidade Nacional (MCI/PS-PUN)

**António** dos Reis **Faleiro**  
**Baltazar** Albertina **Quaresma**  
**Beatriz** da Veiga Mendes **Azevedo**  
**Eldimiro** Emiliano **Manuel**  
**João Leonardo** de Pina da Trindade Batista

Movimento BASTA (MB)

**Levy** do Espírito Santo **Nazaré**  
**Policárpio** Viegas d'Oliveira **Freitas**

Sr. Ministro dos Assuntos Parlamentares, Sras. Deputadas, Srs. Deputados, Técnicos da Assembleia Nacional, Técnicos da Comunicação Social, de uma forma em geral, os que estão cá connosco, permitindo a transmissão da nossa sessão em directo, os nossos seguidores da nossa página do Facebook, temos cá connosco também na Sala as Associações de Pessoas Portadoras de Deficiências, muito bom dia.

Assim sendo, peço aos serviços que convidem os membros do Governo para a Sala, se faz favor.

*Pausa para a entrada do Governo.*

Já temos na Sala os membros do XVIII Governo Constitucional, liderado por Sua Excelência o Dr. Patrice Emery Trovoada, a quem saudamos.

Para contextualizarmos melhor os nossos visitantes, eu havia dito que eram pessoas portadoras de deficiências, depois se viu que o termo «portador de deficiência» não é o que se deveria dizer, mas sim pessoas com deficiências. Passo a citar: Associação de Cegos e Amblíopes de São Tomé Príncipe, uma representação; Associação dos deficientes de São Tomé e Príncipe; Associação dos Surdos de São Tomé e Príncipe; Associação São-tomense de Apoio a Pessoas com Albinismo.

Tem a palavra o Sr. Líder Parlamentar do MLSTP/PSD, para um ponto prévio.

O Sr. **Danilo Santos** (MLSTP/PSD): — Saudações a todos.

Sra. Presidente, duas notas de repúdio.

Primeira, não podemos continuar a permitir que essa situação passe a ser regra. Sempre que o Sr. Primeiro-Ministro vem a esta Casa Parlamentar, somos revistados. Quando estão cá os outros membros do Governo, não somos revistados. É o mesmo que dizer que convido alguém para a minha casa e essa pessoa obriga-me a ser revistado. Não! A Casa é dos Deputados. Temos que olhar para isso, porque não pode continuar.

Segunda nota, Sra. Presidente, na sessão passada, questionamos, mas não fizemos questão de, porque estávamos em pleno trabalho. Pedimos que deve existir diferença entre os grupos parlamentares ou entre os Deputados, porquê? Porque é preciso que haja espaço de privacidade entre os grupos parlamentares ou entre os Deputados da mesma cor política.

Estavam os dois Deputados do BASTA, que hoje à revelia mudaram-se de posição, e ainda bem, muito bem, os serviços colaboraram, mas não pode continuar a ser, porque reclamamos e os serviços, na semana passada, disse para vermos a distribuição do hemiciclo português. Eu disse que não tem nada uma coisa a ver com a outra, porque, se olharmos bem para aquilo, há algum distanciamento. Aqui estamos um em cima do outro, e não pode ser. Não há possibilidade de falarmos em privado.

Espero que não se repita este assunto. Se na plenária tradicional, no nosso espaço, há separação de uma mesa, que possibilita a privacidade nos grupos ou entre os Deputados.

A Sra. **Presidente**: — Sr. Líder Parlamentar, com relação à segurança, a Mesa decidiu que, quando tivéssemos connosco o Governo, houvesse uma segurança um pouco melhorada. E é nessa perspectiva

que, sempre que temos o Governo, pedimos aos serviços de segurança que nos disponibilizem os equipamentos, para essa mesma segurança.

Com relação à distribuição na Sala, pessoalmente, estive cá ontem por volta das 16, 17 horas, com os serviços, para estudarmos uma forma de mudarmos a configuração da Sala. Até sugeri que houvesse blocos separando, aqui temos espaço para tal, mas acontece que, por se tratar da discussão do OGE, temos vários manuais a manusear, temos coisas para escrever, há-de compreender que não quisemos pôr, como agora está, o BASTA daquele lado.

Por isso, com separação de uma fila, fizemos esta distribuição. Os Deputados do Movimento BASTA, segundo a distribuição em que eu também participei ontem, estariam onde está o Líder e atrás de si. Toda a fila ficaria vazia, com a separação que tem agora. A sua Bancada começaria onde está o Sr. Deputado Gabdulo e onde está o marco para trás. Haveria essa separação, porque estávamos a ver a questão de manusear os documentos. Aquele lado não tem suporte para tal.

Foi essa a ideia e o espírito que nos norteou a manter essa configuração, mas o Sr. Deputado depois poderá colaborar com a Mesa e os serviços, propondo uma nova configuração. Não sei se dá para agora, mas posteriormente vamos estar abertos a nova configuração.

Assim sendo, sem mais delonga, tem a palavra o Sr. Primeiro-Ministro, para fazer a apresentação do OGE e das GOP.

**O Sr. Primeiro-Ministro e Chefe do Governo (Patrice Trovoadá):** — Sra. Presidente da Assembleia Nacional, Excelência, Sras. Deputadas, Excelências, Srs. Deputados, Excelências, Associação dos Cegos e Amblíopes de São Tomé e Príncipe, Associação dos Deficientes de São Tomé e Príncipe, Associação dos Surdos de São Tomé e Príncipe, Associação São-tomense de Apoio às Pessoas com Albinismo, Excelências, Caros Presentes: É com profunda satisfação e um elevado sentido de dever e responsabilidade que apresento aqui hoje, perante a representação nacional, as Propostas das Grandes Opções do Plano e do Orçamento Geral do Estado para o corrente ano de 2023.

Escusado dizer que esta não era a data que colhia a nossa preferência, nem tão pouco corresponde à nossa atitude, face às prescrições relativas à elaboração e apresentação das GOP e do OGE.

Na verdade, a Lei em vigor determina que as Propostas das GOP e do OGE devem ser apresentadas à Assembleia Nacional até o dia 31 de Outubro do ano anterior. No entanto, infelizmente, só no dia 6 do passado mês de Abril nos foi possível submeter as referidas Propostas à Assembleia Nacional. Isto deveu-se, fundamentalmente, a dois factos que ninguém pode ignorar. Primeiro, porque as eleições legislativas tiveram lugar no dia 25 de Setembro, a sensivelmente 1 mês da data prevista para a submissão, e a este imperativo de calendário vieram juntar expedientes dilatatórios que fizeram com que entre a data de publicação dos resultados e a tomada de posse da Assembleia Nacional e do Governo, tivemos unicamente a possibilidade de assumir e ser empossados no dia 14 de Novembro do ano transato.

Tal como ficou demonstrado durante o debate sobre o estado da Nação, a profunda degradação das relações com as instituições do *Bretton Woods*, designadamente o FMI e o Banco Mundial, sem aprovação dos quais e até que as condições económicas e financeiras do País mudem, nenhuma proposta de GOP e OGE serão discutidas e aprovadas, fazem com que somente hoje seja possível ter essa tão importante sessão parlamentar.

Como facilmente se compreenderá, o descarrilamento foi tão desastroso que era preciso um esforço colossal para se apreender a dimensão exacta da parte submersa do *iceberg*, para em seguida iniciar um processo construtivo e de resgate de confiança com as instituições acima referidas, bem como com os nossos parceiros de desenvolvimento, que jogam um papel crucial no desempenho da nossa economia.

A situação do País é, pois, tal que, sem o “aval”, particularmente do Fundo Monetário Internacional e a assistência financeira do Banco Mundial, o País cairá na bancarrota e a sua recuperação será ainda mais complicada e demorada. Daí a necessidade do dispêndio do recurso tempo, para que, de certa forma, possamos arrumar a casa e dar passos seguros, visando garantir a eficácia e a perenidade das nossas acções.

É frequente dizer-se que o OGE é essencialmente uma questão de escolha. Todavia, no contexto de São Tomé e Príncipe, a elaboração, discussão e aprovação do OGE vão para além das simples escolhas, que podem hoje ser feitas por algoritmos. As escolhas são, obviamente, necessárias. Mas, uma vez feitas as escolhas e definidas as opções de política, é crucial que se faça a mobilização de recursos, cuja amplitude e complexidade não só afectam retroactivamente as escolhas, como fundamentalmente condicionam as prioridades.

A questão da mobilização dos recursos coloca-se com maior acuidade, quando o País não produz riqueza, nem gera recursos suficientes para fazer face às suas próprias despesas de funcionamento. Pior ainda, a constituição de excedentes que permitem fazer face às necessidades de investimentos em infra-estruturas, tanto económicas como sociais, na saúde, educação, justiça e segurança, são praticamente nulas.

Os documentos que aqui submetemos à apreciação e aprovação desta augusta Assembleia, designadamente, as Grandes Opções do Plano e Orçamento Geral do Estado para o corrente ano de 2023, caracterizam-se por um esforço de implementação dos grandes eixos de actuação definidos do Programa do Governo, que tive aqui o prazer e a honra de apresentar no ano passado.

Esses documentos têm o propósito de iniciar um processo de concretização paulatina dos objectivos contidos no Programa, em prol da melhoria das condições de vida das populações, melhoria do funcionamento das instituições públicas e da qualidade dos serviços prestados, recuperação das infra-estruturas e o desenvolvimento sustentável e inclusivo do País.

As Propostas das Grandes Opções do Plano e Orçamento Geral do Estado serão, naturalmente, executadas num contexto de abrandamento da actividade económica global, marcados por um forte aumento da inflação, uma escassez grave de reservas cambiais, a restrição cada vez mais preocupante de recursos recebidos da ajuda pública internacional e um ambiente geopolítico perigoso e incerto, o que impõe desafios enormes ao nosso país e ao nosso povo.

Neste sentido, as Propostas das GOP e do OGE para o corrente ano fiscal, que esta a cerca de 6 meses do final, foram desenhadas de modo a garantir os justos equilíbrios macro-económicos, condição de sustentabilidade da economia, de credibilidade interna e externa, de atração de investimentos directos estrangeiros de qualidade e, enfim, de mobilização de parceiros e recursos, sem os quais não entraremos para este mundo globalizado, permanecendo, como até então, nas margens, mas sofrendo sempre as suas mais pesadas e nefastas consequências.

Tenho a plena consciência do nosso ponto de partida e do esforço que é necessário fazer para conduzir o País ao ponto de chegada que todos sonhamos.

Um défice primário que atingiu 5,7% do Produto Interno Bruto, em 2022, um alto nível de endividamento interno, causado pelo aumento de crédito líquido ao Governo, assim como o aumento não orçamentado de despesas de investimento com financiamento interno, deu lugar a uma derrapagem das despesas públicas, superior a 2% do Produto Interno Bruto. Uma taxa de inflação acumulada que atingiu 25,2%, a taxa mais elevada desde 2008, com um forte impacto no aumento do custo de vida das populações mais desfavorecidas, representam cifras verdadeiramente alarmantes.

Nesse contexto, o que propõem as GOP e OGE para o corrente ano de 2023 é travar esta descida, inverter esta inércia negativa e colocar o País numa rampa ascendente de crescimento sustentável.

A presente Proposta de OGE para o corrente ano está estimada em Dbs. 3 775 000 000 00 (três mil milhões, setecentos e setenta e cinco milhões de dobras). Esta cifra está assente numa projecção de crescimento de 2%, tendo como base uma recuperação do sector agropecuário e pesqueiro, o fomento do sector industrial e, enfim, o impulso do sector dos serviços. Desse valor Dbs. 2 072 387 000 (dois mil milhões, setenta e dois milhões, trezentos e oitenta e sete dobras), correspondem às receitas correntes do Estado. Por sua vez, os donativos que também constituem receitas do Estado estão estimados em Dbs. 1 462 163 000 (mil milhões, quatrocentos e sessenta e dois milhões, cento e sessenta e três dobras.) E, finalmente, o remanescente de Dbs. 240 450 000 (duzentos e quarenta milhões, quatrocentos e cinquenta mil dobras, que corresponde aos financiamentos, isto é, aos recursos da conta do petróleo e aos desembolsos de empréstimos contraídos pelo Estado.

Uma rápida análise da composição das receitas do País revela-nos a realidade crónica, com a qual vivemos há já bastante tempo e que urge alterar. Os donativos representam aproximadamente 70% das nossas receitas orçamentais. Até aos dias de hoje, a riqueza que produzimos não é suficiente para fazer funcionar regularmente o Estado e financiar todas as nossas necessidades, enquanto País Soberano. Na verdade, somos alimentados pela riqueza produzida por outros países.

Esta questão deve estar no centro das nossas preocupações, enquanto Governo e coletivamente enquanto Nação. Temos de encontrar rapidamente as vias e meios que nos permitirão inverter esta situação a médio prazo. Este é um dos problemas centrais da nossa equação económica que importa resolver. Pois, a manutenção desta tendência, aprofundará a nossa dependência, e o futuro do nosso país dependerá cada vez mais do bom querer e do humor de outros ou ainda do ambiente geopolítico, fatores que nos são alheios e não controlámos.

No que respeita às despesas, as coisas permanecem igualmente sombrias. O funcionamento da Administração Pública consome Dbs. 2 393 000 000 (dois mil milhões, trezentos e noventa e três milhões de dobras). Enquanto isso, aos investimentos públicos são apenas dedicados Dbs. 1 113 000 000 (mil milhões, cento e treze milhões de dobras). O valor remanescente, isto é, Dbs. 269 000 000 (duzentos e sessenta e nove milhões de dobras) servirão para amortizar a dívida pública.

Em termos de repartição sectorial, observa-se que mais de 78,4% das despesas estão concentradas no Ministério da Educação, Cultura e Ciências, com 18,7%, seguido de Encargos Gerais de Estado, com 18,3%, Ministério da Saúde e Assuntos Sociais, com 12,2%, Ministério das Infra-estruturas e Recursos Naturais, com 10,7%, Ministério da Defesa e Ordem Interna, 8,1% e 7%, para o Ministério das Finanças e Ministério dos Negócios Estrangeiros Cooperação e Comunidades, 3,4%.

Do valor total do Programa de Investimentos Públicos para o OGE 2023, 11,7% será assegurado através de Recursos Internos e 88,3% pelos Recursos Externos.

Relativamente à repartição sectorial do PIB, observa-se que o Ministério das Infra-estruturas e Recursos Naturais e Ambiente (MIRNA) leva a maior fatia, com 30,5%, seguido do Ministério da Saúde e Assuntos Sociais (MSAS), com 16,8%, Ministério da Educação, Cultura e Ciência (MECC), com 12,1%, e, por último, o Ministério da Agricultura, Pescas e Desenvolvimento Rural (MAPDR), com 8%.

Como puderam constatar, apenas cerca de 30% das nossas despesas estão consagradas aos investimentos públicos, enquanto a grande parte é consumida pela pesada máquina administrativa. Ora, esta tendência é suicidária para o nosso processo de desenvolvimento, bem como para a melhoria das condições de vida do nosso povo, pelo simples facto de nos abdicarmos de realizar, quer os investimentos, particularmente no domínio da Saúde, da Educação, Segurança, Proteção Social e Jurídica do nosso povo, quer os investimentos de natureza económica em infra-estruturas que podem melhorar as condições de vida das populações, o desempenho económico e atrair os investimentos directos estrangeiros, contribuindo assim para o desenvolvimento sustentável do País.

Neste contexto, compreenderão facilmente a necessidade de implementação do IVA, para permitir mais arrecadação de receitas para atender às necessidades elementar dos sectores sociais.

Continuamos a afectar bastantes recursos numa administração pletórica, desestruturada, ineficiente, cujos resultados estão aquém das exigências dos utentes. Estamos perante uma administração que cresce de ano para ano, ao mesmo tempo que as qualidades das suas prestações se degradam à vista de todos. Em abono da verdade, é justo que se diga que o salário real também não cresce e, de um modo geral, não satisfaz às necessidades básicas das famílias.

Na presente Proposta de OGE e sempre com o propósito de uma maior justiça social e melhoria das condições de vida das populações, propõe-se, em alguns casos, a atualização de taxas aduaneiras, no sentido da diminuição ou mesmo eliminação e, em outros, a agravação dessas taxas, sobre a importação de um certo número de produtos. O objectivo preconizado, em alguns casos, é a defesa e o fomento da produção local. Em outros, a protecção da saúde e do meio ambiente. Em outros casos ainda persegue-se uma realização mais justa da justiça fiscal, tendo sobretudo em conta a capacidade contributiva dos diferentes agentes.

Neste sentido, a Proposta do OGE para o corrente ano contempla a isenção de todos os direitos aduaneiros e demais impostos devidos à importação dos seguintes produtos: leite, líquido e em pó, preparações para alimentação de lactantes e crianças de tenra idade, feijão, arroz, farinha de trigo e de milho, óleo alimentar, açúcar, esparguete, sal, sabão, produtos de higiene feminina e medicamentos.

A Proposta da OGE prevê ainda que as margens de lucro sobre os referidos produtos não ultrapassem os 10%, de modo a que eles possam chegar ao consumidor final a preços justos e aceitáveis. Convirá ainda dizer que estes produtos, que constituirão a cesta básica definida pelo Governo, ficarão agora sujeitos apenas uma taxa reduzida IVA no valor de 7,5% a partida.

No domínio da tributação do rendimento, são propostas modificações que concorrem para uma maior justiça social e fiscal. No que tange aos rendimentos de pessoa colectiva, o valor mínimo fixado para o imposto sobre o rendimento de pessoas Colectivas (IRC) é de 2 400 dobras, acrescido de selo de conhecimento de cobrança no montante de 144 dobras.

Em contrapartida, no que diz respeito ao rendimento de pessoa singular, é, por um lado, criado um novo escalão para rendimento igual ou superior a 420 000 dobras, sujeito à taxa de imposto de 30% e a parcela a abater equivalente a 45 048 000 dobras. Por outro lado, é também proposta a criação de um imposto especial sobre o rendimento de pessoas singulares (IERS), a taxa de 20%, que incide sobre a parte do rendimento disponível que exceder 50 mil dobras.

Minhas Senhoras, meus senhores, o Governo está comprometido na execução das medidas acordadas com o FMI para o período 2023-2026, no quadro do Memorando de Políticas Económicas e Financeiras, em particular no que respeita as medidas de consolidação orçamental.

De igualmente, tomaremos as medidas que se revelarem necessárias para a salvaguarda do acordo de paridade cambial com Portugal.

Sem dúvida os nossos parceiros e as suas exigências são muitas vezes incontornáveis pelo tamanho e as particularidades das nossas dependências. A ajuda orçamental directa é uma componente indispensável para financiar as despesas correntes do nosso país e os projetos multilaterais são os sustentos estruturais dos investimentos públicos.

Quais são os valores reais, a dimensão real e a exposição real da nossa situação financeira, quando acrescentamos as contas dos institutos e as empresas públicas na sua totalidade deficitárias, ou falidas, as dívidas que, em última instância, são garantidas pelo Estado?

Mais do que números, mesmo estando em sede da discussão de um OGE, a árvore não pode esconder a floresta.

São Tomé e Príncipe está a caminho de uma inviabilidade económica e financeira, se nada for feito, nos obrigará a todos a uma austeridade violenta e jamais conhecida, com consequências sociais incontornáveis.

O nosso país carece de uma mobilização urgente das nossas vontades para regressarmos ao caminho do realismo, da viabilidade económica e financeira e da implementação de reformas corajosas, visando inscrever São Tomé e Príncipe todo numa perspectiva de crescimento e de sustentabilidade económica e financeira.

O Orçamento Geral do Estado para 2023 constitui um importante e indispensável instrumento de gestão das nossas finanças públicas, mas não vigorará para além dos escassos 6 meses. O que é preciso é fazer dele um ponto de ruptura com todo o passado e reflectir como podemos contruir orçamentos que sejam verdadeiramente sustentáveis, que reduza, de ano para ano, a nossa dependência das ajudas externas. Esse é um grande desafio estratégico que temos pela frente e temos que sair vencedores.

Temos de ser capaz de reformar todo o nosso país, da política à justiça, passando pela administração e sistema económico e de produção. O modelo que temos hoje e há já bastante tempo revelou os seus limites, pelo que é preciso mudar e mudar seriamente para outra coisa.

Este Governo não se cansa de repetir que precisamos de uma sociedade mais aberta e mais livre. Precisamos de uma administração mais próxima, mais produtiva e mais amiga dos cidadãos. Precisamos de uma Justiça mais justa, mas célere, mais acessível. Precisamos de um sistema económico mais amigo daqueles que empreendem ou têm ideias e iniciativas, um sistema económico mais flexível, que oferece oportunidades, que liberta energia, que estimula inovação, o conhecimento, que gere e partilha riqueza e que acolhe os jovens e as mulheres. Precisamos continuar combater a preguiça, a indisciplina e a corrupção.

Minhas senhoras e meus senhores, a situação é séria. Os nossos parceiros de desenvolvimento estão a observar o nosso nível de engajamento, igualmente consciente que estão da gravidade da situação.

Mas onde chegamos hoje é no essencial da nossa responsabilidade, somos os principais culpados. A COVID-19 afectou o mundo inteiro, bem como a guerra na Ucrânia, e não pode ser desculpa e justificação para tudo em permanência.

Trata-se da nossa terra, dos nossos filhos, das nossas vidas e, infelizmente, muitos continuam a olhar para o lado e não querem encerrar a realidade, quando mesmo não procuram que as coisas piorem ainda.

Os desafios são enormes e de todo o tipo. Tudo é urgente e prioritário, mas tenho a inabalável confiança nos são-tomenses e na sua capacidade de resistência e na habilidade que temos a vencer as hostilidades. Tenho a certeza de que São Tomé e Príncipe tem o seu espaço neste mundo globalizado, num contexto de liberdade, democracia e prosperidade.

O nosso povo, com um Governo e uma Administração empenhada e concentrada no trabalho e nas reformas essenciais irá conhecer de certeza dias melhores.

Conto, por isso, com a contribuição de todos, para que ultrapassemos este período menos bom das nossas vidas e do nosso país.

Muito obrigado pela vossa atenção.

*Aplausos do ADI.*

A Sra. **Presidente**: — Muito obrigada, Sr. Primeiro-Ministro.

Passemos agora à apresentação do parecer final da 2.<sup>a</sup> Comissão. Digo parecer final, porque todas as Comissões trabalharam sobre o parecer, remetendo para a 2.<sup>a</sup> Comissão, que finalmente fez um parecer geral, com todos os outros pareceres.

Então, chamo para uma intervenção o Sr. Presidente da 2.<sup>a</sup> Comissão ou um deputado que este indicar. Tem a palavra o Sr. Deputado José Maria Barros.

O Sr. **José Maria Barros** (MLSTP/PSD): — Sra. Presidente, Excelência, Caras e Caros Deputados, Excelências, Sr. Primeiro-Ministro, Membros do Governo, Excelência, bom dia.

«Parecer relativos às Propostas de Lei n.ºs 1 e 2 XII/2.<sup>a</sup>/2023 – Grandes Opções do Plano e Orçamento Geral do Estado para o Ano Económico de 2023.

Nota introdutória.

Ao abrigo das alíneas b) e f) do artigo 111.º da Constituição, o Governo elaborou e apresentou à Assembleia Nacional, em 7 de Abril de 2023, as Propostas de Lei das Grandes Opções do Plano e do Orçamento Geral do Estado para o Ano Económico de 2023, observando o disposto nos artigos 23.º e 24.º da Lei n.º 03/2007, alterada pela Lei n.º 12/2009 – Sistema de Administração Financeira do Estado (SAFE).

No cumprimento do disposto no n.º 2 do artigo 206.º do Regimento da Assembleia Nacional, a Presidente da Assembleia Nacional remeteu ambas as Propostas de Lei à 2.<sup>a</sup> Comissão (Comissão dos Assuntos Económicos, Financeiros e do Orçamento) e às restantes Comissões Especializadas Permanentes, para o efeito de análise e elaboração de parecer nas respectivas áreas de competências.

A 2.<sup>a</sup> Comissão, no âmbito da sua competência, reuniu nos dias 18 e 25 de Abril; 02, 04, 09, 10, 11 e 12 de Maio do corrente ano, para analisar e elaborar o respectivo parecer sobre as Propostas de Lei acima referidas, na vertente económica e financeira.

Enquadramento legal.

Prazo de apresentação das Propostas de Lei.

As Grandes Opções do Plano e o Orçamento Geral do Estado para Ano Económico de 2023 foram apresentadas pelo Governo à Assembleia Nacional, no dia 7 de Abril, e admitidas em 12 de Abril de 2023, contrariando o disposto no artigo 24.º da Lei SAFE. O não cumprimento do referido artigo deveu-se à realização das eleições legislativas, autárquicas e regional, em 25 de Setembro de 2022 e, consequentemente, o empossamento do XVIII Governo Constitucional, em 14 de Novembro do respectivo ano.

Importa recordar ainda que o n.º 1 do artigo 25.º da Lei n.º 03/2007, alterada pela Lei n.º 12/2009 (SAFE), estipula que a Assembleia Nacional delibera sobre a Proposta de Lei do Orçamento Geral do Estado até 15 de Dezembro de cada ano, desde que os prazos fixados no artigo 24.º sejam cumpridos.

Estrutura formal das Propostas de Lei das Grandes Opções do Plano e do Orçamento Geral do Estado para o Ano Económico de 2023.

A estruturação das Propostas de Lei das Grandes Opções de Plano e do Orçamento Geral do Estado para o Ano Económico de 2023 assenta nos eixos do Programa do XVIII Governo Constitucional, nomeadamente:

1. Adopção e implementação de medidas que permitam melhorar o poder de compra das populações, resgatar a sua confiança e travar a degradação física e económica.
2. Recuperação das infra-estruturas económicas e sociais abandonadas, destruídas e mal conservadas, de modo a que o processo produtivo e de desenvolvimento rural retome o seu curso normal.
3. Adopção e implementação de medidas que permitam o melhor funcionamento das instituições públicas, nos mais diversos sectores.
4. Execução de um programa que assegure o desenvolvimento sustentável e inclusivo.

Avaliação e execução das Grandes Opções do Plano e do Orçamento Geral do Estado do Ano 2022.

Avaliação das Grandes Opções do Plano do ano 2022.

No primeiro eixo do Programa do XVII Governo Constitucional, “Aprofundamento do Estado Direito Democrático, no domínio da Justiça, Administração Pública e Direitos Humanos”, as realizações centralizaram-se, essencialmente, na capacitação e formação de quadros técnicos dos diferentes sectores da Justiça, concretamente nas áreas de avaliação pericial médico-legal aos crimes perpetrados contra crianças e adolescentes «Abusos Sexuais». A acção de formação foi destinada aos médicos, enfermeiros e magistrados do Ministério Público e agentes da Polícia Judiciária. Foram ainda realizadas acções de formação e capacitação dos Magistrados Judiciais e do Ministério Público, agentes da Polícia Judiciária, funcionários do sistema bancário e técnicos da Unidade de Informação Financeira, sobre o branqueamento



de capitais, corrupção e crime organizado e a ainda a formação prática em investigação criminal destinada aos agentes da Polícia Judiciária. Foram adquiridos materiais informáticos e assistiu-se à conclusão do laboratório científico.

No âmbito da Defesa e Segurança Pública, realizou-se uma acção de capacitação em matéria de competências destinadas à prestação de primeiros socorros e a estabilização das vítimas em situação de emergência médica destinada às Forças Armadas e Forças de Segurança e Protecção Civil e Bombeiros.

Ainda na área de Defesa e Segurança, foram efectuadas intervenções na Parada do Centro de Instrução Militar, com o objectivo de dotar o espaço de melhores condições para a prática de exercícios militar.

No quadro do segundo eixo inscrito no Programa do XVII Governo Constitucional, “Crescimento Económico Robusto e Criação Acelerada de Emprego”, dentre as medidas de políticas previstas para o Ano Económico 2022, destacaram-se as acções desenvolvidas nos vários domínios da economia do País.

Dentre as medidas de políticas previstas para o Ano Económico 2022, destacaram-se as acções desenvolvidas nos domínios da Agricultura, Pecuária, Florestas, Pesca, Indústria, Turismo, Ambiente de Negócios, Finanças Públicas, Água, Energia, Rodoviárias, Mudanças Climáticas, Educação, Formação, Juventude e Empreendedorismo.

Terceiro eixo “Melhoria da Qualidade de Saúde e Protecção Social”. Neste, destaca-se a saúde, que não obstante as insuficiências ainda existentes, muitos dos indicadores dos objectivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS-3) mostram que há ganhos significativos a registar, o que demonstra a prioridade dada pelos vários governos a esse sector, tendo gerado alguns resultados satisfatórios, não obstante reconhecermos que ainda temos um longo caminho a percorrer.

No que se refere a Protecção Social, foram igualmente introduzidas medidas que visaram o reforço dos serviços de protecção social e o alargamento do projecto de protecção social para mais 16 000 agregados familiares, no quadro do “Programa de Resposta a Emergência Socioeconómica – (PRES)”, dentre outras.

O eixo quatro “Política Externa ao Serviço do Desenvolvimento”, foram desenvolvidas acções visando melhorar a gestão de política de relações externas, destacando a ratificação do acordo de mobilidade na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), participação em eventos internacionais, dentre outras.

Balanço da Execução do Orçamento Geral do Estado 2022.

Os objectivos da política económica e financeira subjacente ao Orçamento do ano 2022 centravam-se em seis aspectos fundamentais:

1. Atenuar as necessidades sociais inerentes à pandemia da COVID-19.
2. Continuar o esforço gradual de consolidação orçamental por forma a preservar a sustentabilidade da dívida e reforçar os mecanismos de amortecimento de choques externos.
3. Manter a transparência orçamental e padrões de responsabilização elevados, incluindo os respeitantes à despesas relacionadas com a pandemia.
4. Desenvolver instrumentos de política monetária que apoiassem a manutenção da estabilidade da moeda.
5. Salvaguardar a estabilidade financeira.
6. Desbloquear o potencial do crescimento da economia, reformando o sector energético, promovendo o turismo e reforçando a adaptação às alterações climáticas.

O Orçamento Geral do Estado do ano 2022, aprovado pela Lei n.º 2/2022, de 19 de Janeiro, previa Receitas Efectivas no valor de 3.415.000.000,00 (três mil milhões, quatrocentos e quinze milhões de dobras), das quais as receitas correntes ascendiam a 1.772.000.000,00 (mil milhões, setecentos e setenta e dois milhões de dobras). As Despesas Efectivas haviam sido fixadas no valor de 3.667.000.000, 00 (três mil milhões, seiscentos e sessenta e sete milhões de dobras), das quais as Despesas Primárias foram fixadas no montante de 2.109.000.000,00 (dois mil milhões, cento e nove milhões de dobras).

Neste contexto, o Orçamento de 2022 antevia uma diminuição da despesa corrente de funcionamento de 2,5%, bastante abaixo da inflação média prevista para o mesmo ano, impulsionado exclusivamente pela diminuição das rubricas Outras (-20,3%) e Exercícios Findos (-76,1%). Todavia, para além de acréscimos na aquisição de bens e serviços (4,1%), despesa com pessoal (1,7%) e nas transferências correntes (3,6%). Estava previsto um substancial aumento dos juros da dívida pública (150,6%), do qual decorria da retoma do pagamento do serviço da dívida pública, depois da suspensão parcial decorrente da Iniciativa de Suspensão do Serviço da Dívida, da qual o País beneficiou.

A nível das receitas correntes (excluindo bónus petrolíferos), a previsão de crescimento apontava para os 8,9%, em resultado do incremento das receitas fiscais, mais concretamente IRS (9,9%), IRC (8,7%),

Imposto de Importação (4,8%), Imposto sobre Consumo (9,8%) e Outras (13,3%). De notar, no entanto, que já após a aprovação do orçamento, em conjugação com o aumento do preço dos produtos petrolíferos para os consumidores finais, foi decidida a redução em 20 p.p. da sobretaxa especial sobre a importação desses produtos, de forma a reduzir o impacto no consumidor final.

No cômputo geral, a execução das receitas correntes (excluindo petróleo), em 2022, ascendeu a 1.634.000.000,00 (mil milhões, seiscentos e trinta e quatro milhões de dobras), o que corresponde a 92,3% do programado e mais 2,4% face ao arrecadado no mesmo período de 2021. Por seu turno, as despesas primárias atingiram 2.051.000.000,00 (dois mil milhões, cinquenta e um milhões de dobras), o que corresponde a 97,3% do programado e mais 6,3% do executado em 2021. Assim, o défice primário doméstico, em final de 2022, ascendeu a 5,7% do PIB, contra 5,1% do PIB observado no igual período do ano transacto, e o saldo global (base compromisso) foi deficitário no montante de 261.000.000,00 (duzentos e sessenta e um milhões de dobras), face aos 456.000.000,00 (quatrocentos e cinquenta e seis milhões de dobras), fixado no Orçamento do ano 2022.

Importa referir igualmente que até o final do ano 2022 a captação de donativos elevou-se a 1.052.000.000,00 (mil milhões, cinquenta e dois milhões de dobras), representando 64% do programado e mais 88,5% do mobilizado no período homólogo de 2021, influenciado fundamentalmente pela mobilização dos donativos para projecto desembolsados pelos parceiros bilaterais e multilaterais, nomeadamente da República Popular da China, Japão e Banco Mundial, associados à entrada dos apoios orçamentais da União Europeia e Portugal. Este último, que embora não tenha sido previsto no orçamento aprovado, veio compensar a não entrada do apoio orçamental do Banco Mundial, que se esperava concretizar até o final do ano.

No que concerne às despesas de investimento, realça-se que esta rubrica ascendeu aos 963.000.000,00 (novecentos e sessenta e três milhões de dobras), o que corresponde a um grau de execução de 64,9%, sendo que 2,4% foram financiadas com recursos internos e 97,6% com recursos externos. Comparativamente ao período homólogo do ano transacto, estas correspondem a um aumento de 68,1%.

Contexto macroeconómico na previsão orçamental para o ano de 2023. Fundamentos de estratégia da previsão orçamental.

O crescimento global está a desacelerar de forma acentuada devido à elevada inflação, taxas de juros mais altas, redução dos investimentos e repercussões da guerra na Ucrânia, como descreve o último relatório do Banco Mundial sobre as perspectivas económicas globais, publicado em Janeiro de 2023. A previsão é de que a economia global cresça 1,7% em 2023 e 2,7% em 2024, contra os 2,9% observado em 2022, expectando de forma generalizada uma forte desaceleração do crescimento, com previsões revistas para baixo de 95% das economias avançadas e quase 70% dos mercados emergentes e economias em desenvolvimento.

O mesmo relatório ressalta ainda a deterioração acelerada nas economias avançadas com a previsão de 0,5% em 2023 e 1,6% em 2024, contra 2,5% em 2022, embora menos acentuada nas economias emergentes e em desenvolvimento com a previsão de crescimento de 3,4% em 2023, o mesmo valor registado em 2022.

A previsão da taxa de crescimento da África subsaariana para o ano de 2023 é de 3,6% e 3,9% em 2024, representando uma desaceleração em relação ao valor de 4,1% registado em 2022.

É importante salientar que, perante as perspectivas sombrias, particularmente para os países em desenvolvimento, que apresentam responsabilidades elevadas com as dívidas, fraco nível de rendimento, bem como de investimento, será inevitável o agravamento da situação da educação, saúde, infra-estrutura e das crescentes exigências das alterações climáticas, segundo o presidente do Banco Mundial, David Malpaas.

Assim sendo, face à crise do custo de vida e à prioridade de continuar a ser a desinflação sustentada, em condições monetárias mais restritivas e um ritmo de crescimento menor que poderá afectar a estabilidade financeira e da dívida, é necessário recorrer a instrumentos macro prudenciais e reforçar os quadros de reestruturação da dívida.

Tendo em conta o cenário já descrito e o conseqüente efeito adverso no crescimento das economias dos principais parceiros económicos de São Tomé e Príncipe, nomeadamente de Portugal e Angola, em 2022, conduziram à queda acentuada das reservas internacionais, à desaceleração do crescimento económico nacional que deverá prosseguir ainda em 2023 e em simultâneo o aumento da inflação. Nesse contexto, em 2023, os esforços deverão continuar no sentido de implementar políticas com a perspectiva de enfrentar todos estes desafios para inverter as suas tendências, em particular a política fiscal com vista a reafirmar o

compromisso com o equilíbrio das contas públicas e a trajetória sustentável para a dívida pública, e em simultâneo.

A taxa de crescimento da economia são-tomense desacelerou de 1,9% em 2021 para o valor estimado de 0,9% em 2022. Este abrandamento resultou dos factores exógenos mencionados anteriormente com impacto na economia nacional (forte subida dos preços dos produtos alimentares e dos combustíveis a nível mundial após o deflagrar da guerra no leste europeu), considerando a sua grande exposição e dependência externas, bem como dos factores internos, tais como:

1. As falhas constantes e quase que permanentes no fornecimento de energia eléctrica.
2. O declínio nos insumos agrícolas importados.
3. As enxurradas no final de 2021 e no início de 2022 acompanhadas de desabamento de terras e pontes com impedimentos da utilização de vias rodoviárias, em particular das zonas Norte e Sul, onde se encontram as maiores unidades industriais do País.
4. Redução de ajudas externas, das importações e de poucas iniciativas de investimentos privados.

Em termos globais, em 2022, a taxa de crescimento do PIB registou o valor de 0,9%, uma diminuição de 1 p.p. em relação ao valor de 1,9% observado em 2021, justificada em termos de participação de cada um dos sectores no PIB. O Sector Terciário continua a assumir-se como o maior impulsionador da economia nacional, mantendo a liderança com uma cifra de 70% em 2022, um aumento de 0,5 p.p. em relação ao valor de 2021, cuja cifra foi de 69,5%, retomando, deste modo, a tendência que vinha do ano 2019 (69,7%), uma vez que no período da COVID-19, em 2020, o registo de participação do sector terciário no PIB foi de 69,4%. Apesar da participação positiva deste sector no PIB de 2021 para 2022, em termos de crescimento, registou-se uma contracção na ordem de 0,3%, no mesmo período de 2022 (1,7%) em relação a 2021 (2%).

Essa desaceleração deveu-se à dinâmica observada nas suas componentes, sendo de destacar:

1. Comércio, devido, em partes, à menor importação dos bens de consumo e os efeitos das enxurradas de final do ano 2021 e o início de 2022 que afectou grande parte dos comerciantes, ressaltando que o desempenho das importações é um indicador preditivo da evolução do comércio, e sendo actividade com importância sistémica, teve um papel importante no desempenho do sector de serviços.
2. Transporte, armazenagem e comunicações, onde se observou uma menor importação e consequentemente menor volume de bens transportados e armazenados.
3. Actividades Financeiras consequente da menor actividade creditícia das instituições financeiras devido maior aversão ao risco.

Em termos de contribuição dos subsectores no PIB, os que mais contribuíram para este sector em 2022 foram o comércio com 22,8% (23,2% em 2021); seguido de transporte, armazenagem e comunicações, com 13,6% (13,4% em 2021); a Administração Pública, Segurança e Segurança Social com 11,4% (11,2% em 2021); a Educação com 5,9% e, por último, Saúde e Acção Social, com 4,5%.

Em segundo lugar, destaca-se o Sector das Indústrias que contribuiu com 15,1% para o PIB, em 2022, contra 15,3%, em 2021, dos quais 6,2% (6,3% em 2021) das indústrias transformadoras, 5,6% (5,6% em 2021) das Construções e 3,4% (3,4% em 2021) da produção e distribuição de electricidade, gás e água.

Ao nível deste sector, registou-se uma ligeira contracção de 0,3% em 2022 face a um crescimento de 1,6% observado em 2021. Este facto deveu-se a uma menor importação dos materiais de construção devido ao aumento de preço dos mesmos no mercado internacional, como consequência da guerra entre a Ucrânia e a Rússia, associado a contracção do crédito à economia, em cerca de 15%, o que afectou a subcomponente Construção, tendo registado uma contracção de 0,2%. Por outro lado, a contracção de 0,8% observada a nível da Indústria Transformadora deveu-se, de certa forma, a uma diminuição da importação dos bens intermediários (sobretudo cereais) que levou a um menor nível de produção.

O terceiro e ultimo, Sector de Agro-pecuário e Pesca. A sua participação no PIB foi de 6,8%, em 2022, contra 7,1%, em 2021, sendo 4,0% (4,1% em 2021) da agricultura, produção animal, caça e silvicultura; 2,5% (2,6% em 2021) das pescas 0,4% (0,4% em 2021) das actividades extractivas. Este sector registou uma contracção de 2,5%, justificado fundamentalmente:

1. Pelo facto do factor climático assumir papel fundamental, com maior realce para as enxurradas de final do ano 2021 e início do ano 2022, pois foi preponderante para o nível de produção dos principais produtos deste sector, sobretudo a produção de cacão.
2. A existência de problemas estruturais no Sector das Pescas, diminuição de pesca, associados ao aumento do preço dos combustíveis com consequências para uma menor quantidade do volume do pescado.

Para os anos de 2023 e 2024, espera-se um crescimento do PIB na ordem de 2% e 2,5%, respectivamente. As hipóteses subjacentes a esta projecção são as seguintes:

1. Recuperação do Sector Agro-pecuário e Pesca (1,4%), resultante, por um lado, da continuidade da implementação do Projecto de Apoio a Comercialização, Produtividade Agrícola e Nutrição (COMPRAN); a continuidade do Projecto de Reabilitação de Infra-estrutura de Apoio à Segurança Alimentar (PRIASA II), em que se espera reabilitar uma parte considerável das infra-estruturas agrícolas destruídas pelas enxurradas de final de 2021 e início de 2022; a disponibilização da linha de crédito pelo Governo para o sector primário; o crescimento das exportações devido a implementação do projecto financiado pela União Europeia para promoção de fileiras de exportação; a implementação do projecto de recifes artificiais; e, sobretudo, pela implementação do projecto *Zuntámon Lusophone Compact Initiative* Fase I, que visa melhorar o ambiente empresarial, a capacidade e o acesso das pequenas e médias empresas aos mercados e ao financiamento e, conseqüentemente, a sua contribuição para a economia e para a criação de emprego. Espera-se que este projecto contribua para a melhoria de acesso a mercados e contractos para 60 pequenas e médias empresas orientadas para o crescimento, fornecendo formação técnica e de desenvolvimento empresarial e acesso ao financiamento que conduzirá a um crescimento médio de 10% nas vendas das empresas até 2025.
2. Retoma do sector da indústria (2,9%) reflectindo, por um lado, a implementação de projectos financiados pelo Banco Africano de Desenvolvimento e o Banco Mundial, que levarão à estabilização da produção e distribuição eléctrica, mediante a implementação dos projectos de recuperação do sector energético e do projecto de transição energética; crescimento da indústria transformadora sustentado pelo aumento da produção do «AGRIPALMA», da fábrica de água «Bom Sucesso» e a consolidação de produção da fábrica de chocolate da CECAB e, por outro, a recuperação da actividade de construção devido a conclusão das Obras de Construção/Reabilitação da Estrada Nacional n.º 1; o início das primeiras obras de Construção do Hospital Ayres de Menezes, da Requalificação da Marginal 12 de Julho e o início da implementação do projecto STP Digital.
3. O crescimento do sector de serviços (1,1%) será sustentado, por um lado, pela recuperação económica na área do euro, o principal parceiro de São Tomé e Príncipe; a retoma mais pronunciada do sector turístico como acelerador do crescimento económico a médio prazo, sendo que o Plano Estratégico 2018/2023 será estendido e actualizado para o horizonte 2025, incorporando as condicionantes da pandemia e da economia azul, com o objectivo de se alcançar a meta de 54 000 turistas neste horizonte temporal.

Em 2022, a taxa de inflação homóloga observada foi de 25,2% contra 9,5% registada em 2021. Este registo tão elevado, que não se observa há mais de duas décadas, deveu-se fundamentalmente ao aumento global dos preços dos bens alimentares, tanto os importados como os produzidos localmente, como consequência do choque do lado da oferta e o aumento do preço dos combustíveis imposta fundamentalmente pela conjuntura internacional e do lado da procura, resultante do aumento das despesas públicas financiadas por via monetária, tendo ainda em consideração que 2022 foi o ano da realização das eleições legislativas, autárquicas e regional.

Com a implementação dos projectos no sector produtivo, nomeadamente PRIASA II, COMPRAN e *Zuntámon Lusophone Compact Initiative* Fase I, espera-se:

1. A construção de mais estufas para garantir uma maior oferta e diversificação, particularmente, de produtos hortícolas.
2. O fomento e desenvolvimento da agricultura e da pecuária, mediante o investimento na fixação das equipas técnicas e de apoio nos distritos com a disponibilização de insumos e equipamentos aos agricultores, bem como a institucionalização de programas de microcréditos.
3. Reforço da capacidade do Centro de Investigação Agro-tecnológico (CIAT), de modo a prevenir e combater o mais eficiente possível as pragas, doenças e introduzir culturas de maior rendimento e resistência climática. Por outro lado, espera-se aumentar a capacidade de conservação do pescado e encontrar mecanismos para que as empresas estrangeiras de pescas que beneficiem de licenças de pescas descarreguem no País a fauna acompanhante. Com a implementação destas acções, espera-se uma desaceleração da tendência inflacionária a curto/médio prazo para 10,4%, 6,7% e 4,7% no triénio 2023-2025.

No que concerne às finanças públicas, o principal indicador de referência para avaliação deste sector por parte do FMI com respeito ao nosso País é o «saldo primário doméstico em relação ao PIB». Assim, os dados disponíveis referentes a este indicador mostram que o défice primário interno em relação ao PIB foi

de 5,7% em 2022, cifra ligeiramente superior ao valor observado em 2021, cujo valor foi de 5,1%. Para o efeito, contribuíram a diminuição das receitas correntes em 1,7% do PIB, observada em 2022 (12,8% do PIB), face ao valor de 2021 (14,5% do PIB), influenciada essencialmente pela diminuição do IRS em 0,1% do PIB, imposto de importação em 1,2% do PIB, imposto de consumo em 0,2% do PIB, receitas de serviço em 0,3% do PIB, entre outras, não obstante verificar ligeiros aumentos de 0,1% e 0,2% do PIB registados no IRC e rendimentos das pescas, respectivamente.

Do lado das despesas primárias em relação ao PIB, observa-se que, com excepção das despesas de exercícios findos, todos os demais itens conheceram uma redução em 2022 (17,6% do PIB) face ao valor observado em 2021 (16,1% do PIB), tendo este item de despesas, no cômputo geral, observado uma redução de 1,5% do PIB.

Desta forma, o nível de défice primário verificado em 2022 é justificado por um conjunto de factores, sendo de destacar:

1. A diminuição das receitas dos impostos de importação, devido sobretudo ao não pagamento da ENCO à administração aduaneira dos impostos ao seu cargo e a dívida resultante do diferencial de preços pela não implementação plena do mecanismo automático do preço dos produtos petrolíferos.
2. O abrandamento económico e a não implementação das medidas para o reforço da arrecadação de receitas acordadas no âmbito do programa com o FMI.
3. A execução das despesas de investimentos com financiamento interno através do Banco Central de São Tomé e Príncipe.

Para o ano 2023, a meta do défice primário doméstico definido é de 1,8% do PIB. Para o efeito, as receitas correntes estimadas correspondem a 14,7% do PIB, para as quais as receitas fiscais contribuem com 12,3% do PIB e receitas não fiscais com 2,4% do PIB, onde se destacam imposto sobre a importação (5% do PIB), IRS (3,1% do PIB) e receitas de serviço (1,5% do PIB).

As despesas primárias correspondem a 16,5% do PIB, sendo de realçar as despesas com pessoal (8,8% do PIB), transferências correntes (3,1% do PIB), bens e serviços (2,1% do PIB) e outras despesas correntes (1,5% do PIB). Por outro lado, as despesas de investimentos correspondem a 7,9%, com destaque para despesas financiadas com recursos internos (0,9%) e com financiamento externo (7%).

Do lado da receita, o Governo propõe introduzir o imposto sobre valor acrescentado (IVA) com duas taxas, sendo uma taxa principal de 15% e a outra taxa reduzida do IVA de 7,5%. Esta última será aplicada aos produtos alimentares essenciais. Adicionalmente, serão adoptadas medidas excepcionais para a melhoria das receitas internas, conforme a Caixa 1, concernente às Medidas Fiscais Adoptadas em sede do Orçamento Geral do Estado de 2023.

Do lado da despesa, o Governo pretende adoptar medidas para a contenção da massa salarial, através do planeamento da contratação do pessoal para a Administração Pública e manutenção das transferências correntes e outras despesas correntes sob controlo, contendo o seu aumento, de um modo geral, em linha com o crescimento do PIB.

Com respeito ao sector externo, de acordo com os registos da Unidade Macro Fiscal de Janeiro de 2023 (apresentados pelo Ministério do Plano, Finanças e Economia Azul e do Banco Central), a balança corrente em relação ao PIB deteriorou-se em 4,1% em 2022 (21,1% do PIB) em relação ao registado no ano anterior de 2021 (17% do PIB). O principal motivo desta deterioração foi o défice comercial, que aumentou de 24,9% em 2021 para 26,9% do PIB em 2022, derivado da diminuição das exportações de cacau e do aumento significativo da importação de combustíveis.

A saída de divisas sem a correspondente entrada e a estagnação do financiamento externo acentuaram ainda mais a deterioração do saldo da balança de pagamentos, situação que explica a posição crítica das reservas internacionais líquidas, o indicador determinante para a viabilidade da manutenção do actual regime de paridade cambial, «paridade fixa da dobra face ao euro». O valor padrão considerado internacionalmente aceite para este indicador é a observação de um mínimo 3 meses de importação. A situação vivida particularmente no último trimestre de 2022 era tão gritante, que graças ao donativo de €15.000.000 (quinze milhões de euros) de apoio ao Orçamento disponibilizado por Portugal ao País, entrado no último dia útil de Dezembro de 2022, permitiu iniciar o ano de 2023 com USD 59 milhões correspondente a 2, 3 meses de importação, quando a posição externa, até aquela data, era de apenas USD 43 milhões, valor correspondente a 1,7 meses de importação.

Relativamente à situação monetária, o ano de 2022 ficou marcado pela expansão do agregado monetário mais amplo (M3) que se fixou em Dbs. 3.597.000.000,00 (três mil milhões, quinhentos e noventa e sete milhões de dobras) contra Dbs. 3.274.000.000,00 (três mil milhões, duzentos e setenta e quatro

milhões de dobras) registados em 2021, reflectindo as reduções dos activos externos líquidos (12%) e do crédito à economia (16%), este justificado pelo crescimento de crédito malparado, bem como pela preferência dos bancos em financiar activos de menor risco como é o caso dos bilhetes de tesouro, mais a expansão do crédito interno líquido em 24%, justificado pelo aumento do crédito líquido ao Governo.

O valor total da dívida pública, excluindo passivos contingentes, registado em 2022 foi de 69,1% do PIB (18% do PIB refere-se à dívida interna) contra 76,9% do PIB (18% do PIB refere-se a dívida interna) observado em 2021. O valor tão elevado da dívida interna registado em 2019 face ao de 2018 resultou da recomendação do FMI para que todos os atrasados do Estado para com a EMAE, ENCO, CST, entre outras, fossem contabilizados na dívida interna a partir de 2019, facto que anteriormente nunca acontecera.

Pressupostos Macroeconómicos para o Orçamento Geral do Estado 2023.

Face aos enormes desafios que a situação do País impõe às populações, o Governo propõe o presente Orçamento Geral do Estado para o exercício de 2023, alinhado com o seu Programa, que pretende agir nas seguintes direcções:

1. Adopção e implementação de medidas que permitam melhorar o poder de compra da população, resgatar a sua confiança e travar a degradação física e económica.
2. Recuperação das infra-estruturas físicas, económicas e sociais abandonadas, destruídas e mal conservadas, de modo que o processo produtivo e de desenvolvimento rural retome o seu curso normal.
3. Adopção e implementação de medidas que permitam o melhor funcionamento das instituições públicas, nos mais diversos sectores.
4. Apresentação do Orçamento em linha com a execução do Programa que assegure o desenvolvimento sustentável e inclusivo.

Do ponto de vista macroeconómico, os riscos são enormes para que o País consiga atingir o crescimento económico que permite alcançar os mínimos que possam garantir oportunidades de rendimento para subsistência das famílias e a segurança alimentar.

Por conseguinte, o Governo pretende, dentre outras:

1. Implementar de forma efectiva a consolidação orçamental através do engajamento de financiamento e realização de despesas públicas consideradas essenciais para a criação do espaço fiscal necessário à sustentabilidade do Programa do Governo.
2. Apostar na implementação de um orçamento que promova a coesão social, garanta o desbloqueio infra-estrutural do País, promova a resiliência macroeconómica e que facilite a integração regional de São Tomé e Príncipe com o objectivo de assegurar o desenvolvimento sustentável e inclusivo do País.
3. Mediante o plano director, adoptar medidas para o restabelecimento de sistema de abastecimento de água potável, desenvolvendo projectos de captação e adução de água para as localidades tidas como críticas.
4. Implementar um plano para resolução imediata dos problemas energéticos nas mais diversas localidades do País, cujo fornecimento de energia é deficitário ou inexistente, promovendo a produção de energias limpas através de fontes renováveis.
5. Impulsionar uma intervenção profunda no sector energético que implicará investimentos para o aumento da potência energética actualmente produzida, a reabilitação, a curto prazo, da rede de baixa e média tensão e a continuação da extensão da rede de distribuição.

Previsão Orçamental para o Ano Económico de 2023. Principais linhas de acção governativa constantes nas Grandes Opções do Plano para o ano 2023.

As Grandes Opções do Plano para o Ano Económico de 2023 estão estruturadas e alinhadas em quatro directivas estratégicas do Programa do XVIII Governo Constitucional. Os programas, medidas e/ou acções e projectos programados para o ano 2023 são organizados por domínios, em função das referidas Directivas:

Directiva I: Adopção e implementação de medidas que permitam melhorar o poder de compra das populações e resgatar a sua confiança e travar a degradação física e económica.

Directiva II: Recuperação das infra-estruturas físicas, económicas e sociais abandonadas, destruídas e mal conservadas, de modo a que o processo produtivo e de desenvolvimento rural retome o seu curso normal.

Directiva III: Adopção e implementação de medidas que permitam o melhor funcionamento das instituições públicas, nos mais diversos sectores.

Directiva IV: Execução de programas que assegure o desenvolvimento sustentável e inclusivo.

Previsão orçamental para o ano 2023 – Estimativa de Receitas.

As receitas totais (incluindo financiamento) foram estimadas em Dbs. 3.775.000.000,00 (três mil milhões, setecentos e setenta e cinco milhões de dobrás), conforme o indicado no anexo I, que faz parte integrante da presente Proposta de Lei, das quais:

- a) Receitas Correntes, estimadas em Dbs. 2.072.387.000,00 (dois mil milhões, setenta e dois milhões, trezentos e oitenta e sete mil dobrás);
- b) Donativos estimados em Dbs. 1.462.163.000,00 (mil milhões, quatrocentos e sessenta e dois milhões, cento e sessenta e três mil dobrás);
- c) Financiamentos estimados Dbs. 240.450.000,00 (duzentos e quarenta milhões, quatrocentos e cinquenta mil dobrás).

Os Donativos previstos na alínea b) do n.º 1 discriminam-se da seguinte forma:

- a) Apoio Orçamental no valor total de Dbs. 449.174.000,00 (quatrocentos e quarenta e nove milhões, cento e setenta e quatro mil dobrás), no qual se destacam as contribuições provenientes fundamentalmente do Banco Mundial, União Europeia e Banco Africano de Desenvolvimento;
- b) Utilização do Fundo HIPC, fixado em Dbs. 95.361.000,00 (noventa e cinco milhões, trezentos e sessenta e um mil dobrás); e
- c) Donativo para projectos, estimados em Dbs. 917.628.000,00 (novecentos e dezassete milhões, seiscentos e vinte e oito mil dobrás).

As fontes de financiamento previstas na alínea c) do n.º 1 são as seguintes:

- a) Interna – Fixada em Dbs. 174.960.000,00 (cento e setenta e quatro milhões, novecentos e sessenta mil dobrás), dos quais se destacam: Conta Nacional de Petróleo, estimada em 72.286.000,00 (setenta e dois milhões, duzentos e oitenta e seis mil dobrás), Alienação de Activos, estimado em 2.500.000,00 (dois milhões e quinhentas mil dobrás) e Obrigações do Tesouro, estimada em 100.174.000,00 (cem milhões, cento e setenta e quatro mil dobrás).
- b) Externa – Estimada em Dbs. 65. 490.000,00 (sessenta e cinco milhões, quatrocentos e noventa mil dobrás), referente aos desembolsos de empréstimos para projectos.

Previsão Orçamental para o ano 2023 – Fixação de despesas.

As Despesas Totais para o Ano Económico de 2023 estão avaliadas em Dbs. 3.775.000.000,00 (três mil milhões, setecentos e setenta e cinco milhões de dobrás), conforme o indicado no anexo II, que faz parte integrante da presente Proposta de Lei, estruturado nas suas componentes seguintes:

- a) As Despesas de Funcionamento foram fixadas em Dbs. 2.393.000.000,00 (dois mil milhões, trezentos e noventa e três milhões de dobrás);
- b) As Despesas de Investimentos Públicos (PIP) ascendem a Dbs. 1.113.000.000,00 (mil milhões, cento e treze milhões de dobrás); e
- c) As Despesas Financeiras (referem-se à Amortização do Capital da Dívida Pública) no montante de Dbs. 269.000.000,00 (duzentos e sessenta e nove milhões de dobrás).

Análise das Receitas Estimadas para o ano 2023.

No capítulo das Receitas Totais constatou-se que a taxa de execução de 2022, de acordo com informações preliminares foi de 3.034.000.000,00 (três mil milhões, trinta e quatro milhões de dobrás), correspondendo a 78,4% do valor inicialmente aprovado e mais 16,5%, quando comparado ao executado no igual período do ano transacto.

Para o ano 2023, o Governo propõe um orçamento, em que as Receitas Totais (incluindo financiamento) foram estimadas em 3.775.000.000,00 (três mil milhões, setecentos e setenta e cinco milhões de dobrás), o que corresponde a um acréscimo de 24,4%, face a estimativa de execução até o final de 2022. Esta rubrica compreende o somatório das Receitas Efectivas, projectadas em Dbs. 3.535.000.000,00 (três mil milhões e quinhentos e trinta e cinco milhões de dobrás), as receitas não efectivas (sobretudo Transferência da Conta Nacional de Petróleo para financiamento do OGE, Obrigações do Tesouro e o Desembolsos para Projectos) avaliados em Dbs. 240.000.000,00 (duzentos e quarenta milhões de dobrás). Relativamente às Receitas Efectivas, estas se referem à soma das Receitas Correntes e Donativos, cujos valores previstos para 2023 estão inscritos no Orçamento.

Referindo ao acréscimo citado no número anterior, destacam-se a boa performance das Receitas Fiscais com um crescimento de 28,7%, face à estimativa de arrecadação para 2022.

Análise das despesas fixadas para o ano de 2023.

As Despesas Totais estão fixadas em Dbs. 3.775.000.000,00 (três mil milhões, setecentos e setenta e cinco milhões de dobras), correspondendo a 26,8% do PIB nominal estimado para o ano e uma variação homóloga positiva de 5,3%, face à execução verificada no ano 2022.

Para o ano de 2023, as despesas efectivas irão conhecer um aumento de 3,8%, face à estimativa de execução de 2022. Este acréscimo decorre do aumento das despesas com pessoal (8,6%), com destaque para a rubrica de outras despesas com o pessoal (17,2%), encargos com viagens (15,5%), com especial destaque para a rubrica bilhete de passagem (20,7%), subsídio de deslocação (11,3%) e outras aquisições de serviços (120%), o que demonstra a tendência crescente das despesas primárias.

Constatação gerais das demais comissões especializadas permanente (1.ª, 3.ª, 4.ª e 5.ª) sobre as Propostas de Lei das GOP e do OGE para o Ano Económico de 2023.

Área Institucional e Jurídica.

A 1.ª Comissão Especializada Permanente da Assembleia Nacional constatou que as Propostas de Lei das Grandes Opções do Plano e do Orçamento Geral do Estado, apresentadas pelo Governo, não observou o disposto no artigo 24.º da Lei n.º 3/2007, Lei sobre o Sistema de Administração Financeira do Estado de (SAFE), de 12 de Fevereiro.

Área Social (Saúde, Educação, Emprego e Solidariedade).

Área da Saúde.

No Sector da Saúde, a 3.ª Comissão Especializada Permanente constatou que, em termos de contribuição dos subsectores no PIB, foi de 4,5%, em 2022.

De acordo com a 3.ª Comissão, ainda neste sector, as despesas para o ano 2023 estão fixadas em Dbs. 148.492.000,00 (cento e quarenta e oito milhões, quatrocentos e noventa e duas mil de dobras), financiamento externo, e Dbs 284.170.000, 00 (duzentos e oitenta e quatro milhões, cento e setenta mil dobras), financiamento interno.

A Comissão constatou ainda que, no Programa de Investimento Público, a previsão para o ano 2022 foi de 16,03%, contra 17% previsto para o ano 2023, o que não corresponde às expectativas para este sector.

Área da Educação.

No Sector de Educação, a 3.ª Comissão constatou que, em termos de contribuição dos subsectores no PIB, foi de 5,9%, em 2022.

De acordo com a 3.ª Comissão, ainda neste sector, as despesas para o ano 2023 estão fixadas em Dbs. 101.260.000,00 (cento e um milhões, duzentos e sessenta mil dobras), financiamento externo, e Dbs. 541.823.000,00 (quinhentos e quarenta e um milhões, oitocentos e vinte e três mil dobras), financiamento interno.

A Comissão constatou ainda que, no Programa de Investimento Público, a previsão para o ano 2022 foi 16,03% contra 12% previsto para o ano 2023, resultando num decréscimo de 4%.

Área de Cidadania, Direitos Humanos e Diáspora.

A 4.ª Comissão Especializada Permanente constatou que existe articulação entre os aspectos realçados nas Grandes Opções do Plano, nomeadamente no que concerne ao envolvimento da diáspora no processo de desenvolvimento do País.

Área de Família e Género.

A 5.ª Comissão Especializada Permanente constatou que:

Há uma considerável correspondência entre os projectos inscritos nas Grandes Opções do Plano e no Orçamento Geral do Estado.

Comparativamente ao OGE 2022, não obstante a inscrição nas duas Propostas de Lei de mais acções orçamentais sensíveis ao género, não se observa um proporcional aumento de dotações (verbas) para os programas concernentes ao género no Sector de Educação, Juventude e Protecção Social;

Na Proposta das Grandes Opções do Plano, não está espelhada qualquer acção que o Governo pretenda realizar ao nível da Comunicação Social para o Ano Económico de 2023;

Algumas acções inscritas nas GOP e no OGE para o Ano Económico de 2023 podem não ser efectivadas, tendo em conta o horizonte temporal de execução das mesmas.

Constatação da 2.ª Comissão

Na análise das Propostas de Lei das GOP e do OGE para o Ano Económico de 2023, a 2.ª Comissão Especializada Permanente constatou que, embora tivessem sido instruídos com todos elementos necessários conforme a alínea f) do número 3 do artigo 23.º da Lei n.º 3/2007, de 12 de Fevereiro, Sistema de Administração Financeira do Estado (SAFE), denota-se ausência dos orçamentos dos organismos com



autonomia administrativa e financeira, nomeadamente, a EMAE, ENAPORT, AGER, INOP e INIC, o que em certa medida não facilita a análise coerente das duas Propostas de Lei.

Conclusão e recomendação.

1. A não fixação dos prazos para apresentação e aprovação das Propostas de Lei das GOP e do OGE na Lei SAFE em anos eleitorais tem deixado em aberto o não cumprimento dos prazos por parte dos governos. Assim sendo, a 2.<sup>a</sup> Comissão recomenda que o assunto deverá merecer a devida atenção da Assembleia Nacional, com uma provável revisão desta Lei ou da Lei Eleitoral.
2. Das constatações acima referidas, a 2.<sup>a</sup> Comissão Especializadas Permanente concluiu que as Propostas de Lei das GOP e do OGE para o Ano Económico de 2023, não obstante terem sido apresentadas fora do prazo estipulado por lei, devem ser submetidas ao Plenário, para efeito de discussão e votação na generalidade.

Excelência, eis o teor do parecer desta Comissão.

Comissão dos Assuntos Económicos, Financeiros e do Orçamento, em São Tomé, aos 12 de Maio de 2023.

O Presidente da Comissão, *Raúl Espírito Santo Cardoso*.

O Relator, *Adelino José da Costa*.»

A Sra. **Presidente**: — Muito obrigada, Sr. Deputado José Maria de Barros, e também a 2.<sup>a</sup> Comissão, pelo aturado trabalho.

Vamos abrir agora espaço para a discussão do OGE e das GOP para o Ano Económico 2023, mas gostaria de alertar e apelar às Sras. e Srs. Deputados que a discussão é na generalidade. As questões mais directas e específicas de cada sector faz-se na discussão na especialidade. Assim sendo, espero que cumpramos com o tempo. Temos um tempo de 300 minutos, correspondentes a 5 horas, distribuídos da seguinte maneira: o Governo tem 106 minutos, o Grupo Parlamentar do ADI, 106 minutos, o MLSTP/PSD tem 63 minutos, o MCI/PS-PUN tem 18 minutos e o Movimento BASTA tem 7 minutos.

Tem a palavra o Sr. Deputado Danilo Santos.

O Sr. **Danilo Santos** (MLSTP/PSD): — Sr. Primeiro-Ministro, uma nota prévia.

Estamos a discutir um orçamento em que até hoje não conhecemos a orgânica do Governo que define as competências. Vemos no Orçamento «remanejamento de instituições», e ficamos sem perceber, porque a lei também é clara, diz que as despesas não poderão ser engajadas ou liquidadas sem, no fundo, essa existência clara. Daí que fica esta nota prévia.

Sra. Presidente, este monitor não está a funcionar e não nos facilita a vida. Peço aos serviços que nos ajudem, por causa do controlo do tempo. Aqui não vejo, quem vier intervir precisa ter a noção do tempo.

A Sra. **Presidente**: — Vamos fazê-lo na especialidade, portanto, o tempo só está virado mesmo para Assembleia e a Mesa está a controlar o tempo a partir deste monitor.

O Sr. **Danilo Santos** (MLSTP/PSD): — Obrigado, Sra. Presidente.

Sr. Primeiro-Ministro, quem o ouviu hoje e no debate sobre o estado da Nação e quem leu este Orçamento com cuidado, há-de concluir que falamos de dois países, duas situações completamente diferentes.

No estado da Nação, o Sr. Primeiro-Ministro esteve diametralmente oposto a tudo que está escrito no OGE, mas hoje, sim, esteve alinhado com o OGE.

Este Orçamento que hoje nos apresenta, de forma formal e oficial, não passa de um *copy paste*, um *copier-coler*, um orçamento praticamente igual ao Orçamento de 2022, com muito poucas diferenças.

Se o senhor veio dizer que estava tudo mal, tinha sede de agir, de intervir, de começar e começar de novo, um novo começo, estávamos convencidos de que o OGE e as GOP viriam reflectir uma completa mudança, uma completa transformação. Como mudar, se o essencial é quase todo igual?

Falamos de medidas necessárias para melhorar o nível de vida e o poder de compra da população, o que está plasmado no Programa do Governo e nas Grandes Opções do Plano como eixo fundamental, mas quando olhamos para este Orçamento, tem pouco ou quase nada de mediadas para melhorar o nível de vida e o poder de compra da população.

Igualmente, neste Orçamento, houve aumento substancial em alguns sectores, mas os sectores cruciais que o senhor sempre reclamou, o sector social, quase que nada se viu de novo, com a agravante de alguns casos terem sofrido redução.

E a propósito do sector social, falamos tanto dos hospitais, do Sector da Saúde, do novo hospital. Neste Orçamento e nas GOP há uma linha que diz: «início de pequenas obras do novo hospital». Será que o hospital hoje já não é prioridade, Sr. Primeir-Ministro?

Sr. Primeiro-Ministro, igualmente, quando olhamos para este Orçamento, o mesmo não faz referência alguma a um sonho do senhor, que é a transição de São Tomé e Príncipe para país de rendimento médio. Nem uma palavra. E quando olhamos para o estudo realizado pelo Banco Central, recomenda o adiamento, ou o pedido à Assembleia Geral das Nações Unidas do adiamento dessa transição, porque São Tomé e Príncipe não tem os indicadores todos cumpridos, e precisamos de mais algum tempo. Gostaríamos que o Sr. Primeiro-Ministro nos esclarecesse, porque não vemos nada, nada, nada neste Orçamento em relação a esta matéria.

No particular, precisamos de explorar de facto os recursos que estão disponíveis. Hoje as novas tecnologias permitem videoconferências e muito mais. Temos a experiência da época alta da pandemia, em que 90% das acções e das negociações eram tratadas por esta via. Mas, mesmo assim, parece-nos que utiliza pouco esta alternativa. Se a usasse, as viagens seriam, naturalmente, mais reduzidas.

Sr. Primeiro-Ministro, neste particular de novas tecnologias, é de facto um mau aluno. Porquê? Porque continua a consumir muito com os telefones, despesas exacerbadas, quando poderia utilizar e explorar o recurso às novas tecnologias.

Igualmente, neste Orçamento, há um aspecto que nos preocupa bastante. Sabemos que não temos capacidade de financiar todo o Orçamento e no capítulo «crédito externo» foi adicionado duas ou três palavras extremamente perigosas. Nos últimos tempos e por imposição do Baco Mundial, os créditos devem ser sempre concessionais. Entretanto, agora incluiu-se «sempre que possível». Do conhecimento que temos sobre as negociações e sobre os acordos com as Instituições do *Bretton Woods*, os créditos devem ser sempre concessionais, pelo que lhe pedimos que nos ajude a perceber bem este aspecto. Não vamos agora contrair créditos com taxas que a nossa economia não suporta.

Sr. Primeiro-Ministro, estamos com uma situação extremamente periclitante que, se o Governo tem conhecimento dela, é gravíssimo não dizer à população. Olhando, quer para o Orçamento Geral, quer para os anexos, não vejo referência a esta situação. Poderá vir dizer que é uma situação pontual, mas não. É extremamente grave. Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, neste momento, das informações que temos, e é gravíssima, a água que consumimos nas nossas casas não tem sido tratada. Se o Governo tem conhecimento disso, não pode temer em informar à população de que a água não tem sido tratada, para que cada um utilize os mecanismos que já conhecemos, lixívia ou ferver a água, para evitar problemas maiores à nossa saúde.

Daí que estas são as primeiras questões e esperamos que nos ajude a perceber melhor.

*Aplausos do MLSTP/PSD.*

A Sra. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado José António Miguel.

O Sr. **José António Miguel** (ADI): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro, Sras. e Srs. Ministros, Sras. e Srs. Deputados, Funcionários da Assembleia Nacional, Técnicos da Comunicação Social, a todos, bom dia.

Sra. Presidente, nesta primeira intervenção, gostaria de dizer que este Orçamento reflecte a realidade actual do País. Não poderia ser de outra forma, atendendo à situação actual do País. Não poderíamos ter um Orçamento diferente.

Sr. Primeiro-Ministro, gostaria que o senhor ficasse tranquilo, porque tenho a certeza absoluta de que, se encontrasse um país melhor, o Orçamento seria diferente, obviamente. Logo, tendo encontrado o País que encontrou, o senhor não nos poderia apresentar um Orçamento que os nossos opositores estavam à espera.

Tenho a certeza, volto a dizer, de que este não é o Orçamento que gostaríamos, mas a conjuntura obriga-nos a apresentar um Orçamento como po que temos cá. Aliás, até porque já vimos, devido aos compromissos com os nossos parceiros multilaterais e bilaterais, temos que fazer crer que somos um país sério, com responsabilidades, daí que não poderíamos apresentar um Orçamento diferente.

Há aqui um aspecto muito importante a que o Sr. Primeiro-Ministro fez referência, a conjuntura internacional adversa. Também já observamos esta questão, mas também é preciso reflectirmos um pouco. Falamos com frequência da conjuntura internacional adversa, mas temos que começar também a olhar para o País, olhando para as conjunturas adversas internas. Por exemplo, quando debatemos aqui o estado da Nação, tivemos a ocasião de ver, observar e ouvir sobre a Nação que tínhamos no momento. É por isso que digo, para além das conjunturas internacionais adversas, temos que olhar também para alguns aspectos que nos têm criado problemas sérios. Refiro-me, por exemplo, à questão da má-governança, corrupção, gestão danosa. Prova disso são os vários relatórios que temos no Tribunal de Contas, que até agora não vislumbramos o início da responsabilização dos gestores públicos citados neles. É óbvio que alguns deles estão cá na Sala. É preciso trabalhar na perspectiva de começarmos a responsabilizar os gestores públicos que desenvolvem ou levam a cabo a gestão danosa que destrói, até certo ponto, o País.

Que olhemos, sim, é verdade, para a conjuntura internacional, mas também devemos olhar para esses aspectos.

Não poderia ficar indiferente à comparação infeliz do OGE de 2022 com o de 2023. Acho que não tem como os compararmos, até porque o Governo anterior é um governo de «manto de retalho» e este é um Governo entregue a um único partido, que tem 30 mandatos legitimados também pelo povo, para governar. À partida, não há como ser *copier-coller* do orçamento anterior. É um aspecto que não tem como.

*Aplausos do ADI.*

Sr. Primeiro-Ministro, nem se quer vale a pena responder a esta questão, porque, volto a dizer, o vosso governo foi um governo de «manto de retalhos», «*amolê pedaços*», e temos um governo com maioria absoluta, que ganhou as eleições claramente para governar. Logo, estamos à vontade.

Por isso, Sr. Primeiro-Ministro, o mais importante para nós é que consigamos cumprir com o que temos aqui espelhado para este Ano Económico. Sabemos que estamos a pouco tempo de fechar o ano, mas pelo menos que consigamos cumprir o que está cá. Na nossa perspectiva, é o mais importante.

*Aplausos do ADI.*

A Sra. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Afonso Varela.

O Sr. **Afonso Varela** (ADI): — Sra. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro, Srs. Membros do Governo, Sras. e Srs. Deputados, muito bom dia.

Tomei a palavra logo de início, porque acho que o Orçamento é uma coisa muito séria e acho também que este momento é também um momento de solenidade. A Lei Orçamental, se repararem, é a única lei que tem uma característica anual aqui no nosso ordenamento jurídico, pelo que está revestido dessa solenidade que todos deveriam respeitar.

O Sr. Deputado do MLSTP/PSD, Líder Parlamentar, começou por uma contradição que, apesar de o colega que me antecedeu ter-se referido, não poderia deixar passar isso em branco.

Primeiro, veio para aqui dizer aquilo que o Sr. Primeiro-Ministro fez. Gostaria que deixássemos um bocado de olhar para o Sr. Primeiro-Ministro, deixar de ter essa fixação, essa obsessão, olhar para o Governo do País, e isso poderia ajudar-nos até a ultrapassar uma série de recalcamientos, desvios e olhar para o OGE.

*Aplausos do ADI.*

Na minha perspectiva, a contradição reside no facto de o Sr. Deputado vir dizer, utilizando até um anglicismo, outro galicismo, para dizer que é *copy paste*, é *copie colê*, que é mesma coisa. Depois diz que o orçamento não vale nada. O senhor está a brincar connosco! Se é a mesma coisa que o senhor fez, porque acreditou que era boa coisa, agora fazemos a mesma coisa, por exemplo, e já não é boa, porque somos nós que fizemos?! Assim não vamos longe, e a Assembleia não pode ser espaço,...

*Aplausos do ADI.*

... para essa demonstração, para essa forma pueril de fazer política. Não pode! Ou o Orçamento é igual, tem erros e vamos corrigir, ou o Orçamento não é igual, tem erros e vamos corrigir. Acho que este é na verdade o problema. Ou é igual ou não é igual. Tem erros ou não tem erros, vamos corrigir os erros. Aqui é que está o problema.

Outra questão que disse aqui, e não poderia permitir que entrássemos no âmago da discussão sem clarificar, é que este Orçamento não tem nada para melhorar a vida do povo. Convenhamos! Pela primeira vez neste país, os medicamentos todos que consumimos vão ser isentos. Isso não é nada para o senhor? O senhor pode ir para Lisboa, eu também posso ir, mas a grande maioria dos nossos primos não podem ir. Por isso, uma isenção total de direitos aduaneiros sobre os medicamentos é uma grande conquista, é uma grande decisão, é uma decisão estratégica para a saúde da nossa população. Não venha dizer que não tem nada.

Mas não é só isso. É que isentamos também neste Orçamento uma cesta básica que foi alargada. Isentamos, zero. Isentar, ficar isento é não ter nada a pagar. Portanto, foi isento, está no Orçamento, não vamos discutir isso, primeiro. Segundo, fixou-se uma margem de 10%. É verdade que os senhores me dirão que, na prática, as pessoas não vão respeitar. Muitos de nós aqui somos comerciantes, seremos até os primeiros a não respeitar, mas haverá as instituições, haverá o esforço e a indicação do Governo, e é isso que é importante. Foi feito, está feito.

Para além disso, este Orçamento é também um instrumento de justiça e de justiça fiscal. Quando o Governo cria uma última categoria, portanto, no nosso sistema fiscal, por maior que fosse o salário auferido neste país, a taxa sobre o imposto de rendimento das pessoas singulares era de apenas 25%. Hoje, criou-se uma categoria que vai pagar 30%, quer dizer que o Estado arrecadará um pouco mais de receita, e criou um imposto especial que faz com que, quando o rendimento disponível, depois de pago esse valor, for superior a 50 000, poder pagar-se ainda uma taxa de 20%. Não me venham dizer que não há nada. Vão dizer que isso está mal feito assim, devia-se ter feito de outra forma e tudo mais, isso é política, é debate aceitável. Agora, vir para aqui dizer inverdades e desviar e não sei quê mais, não pode ser!

Gostaria de dizer ainda e responder a uma série de coisas que não são verdades e que não se pode continuar a admitir. É verdade que a decisão de transformar o País num país de rendimento médio não é uma decisão que o Governo toma. Um governo não acorda, seja ele de Angola ou China, e diz que quer ser. As pessoas nos observam e as coisas evoluem, mas o argumento que traz é falacioso, porque diz que há um estudo. Um estudo é um parecer, vale o que vale. O Governo segue ou não, as Nações Unidas seguem ou não, não é vinculativo. Ainda que esse estudo diga que temos que subir, não subimos porque o estudo diz. Se diz que temos que descer, não descemos porque o estudo diz. O estudo é uma opinião, mas sobre esta matéria convido-lhe a ler 10 opiniões sobre São Tomé, todas diferentes umas das outras. Não venha aqui falar de uma opinião.

Quanto à questão de crédito que levanta, crédito concecional, se conhece este país, este país é capaz de pagar alguma dívida mesmo à taxa zero? Não é! Não venha aqui com essas questões.

Para terminar, eu gostaria de dizer uma coisa: é deixar margem ao Governo, trabalhar. É isso que se pede.

**Uma voz do MLSTP/PSD:** — Pode haver taxa zero?

O Sr. **Afonso Varela** (ADI): — Sim, pode haver uma taxa zero, como pode haver uma taxa menos um, para quem não sabe, menos dois. Se não sabe, isso está no livro.

*Risos e aplausos do ADI.*

Gostaria de fazer um apelo muito sério às pessoas. Vir aqui e pagar aquilo que está no Orçamento, objectivamente, ler e dizer, isso está bem, isso não está bem, isto deveria ser assim, deveria ser assado, não vir para aqui conjecturar, com uma intenção por detraz da cabeça, que é fazer as pessoas terem uma leitura completamente adversa àquilo que está no Orçamento. É um orçamento que persegue objectivos claros.

Para concluir, gostaria de deixar aqui uma nota que é o seguinte: o Orçamento, apesar de ser uma lei, é uma lei especial, é uma previsão.

O Sr. **Conceição Moreno** (MLSTP/PSD): — Tem vigência.

O Sr. **Afonso Varela** (ADI): — Que está em vigência. As leis, quando não são cumpridas,...

O Sr. **Conceição Moreno** (MLSTP/PSD):— Qual é a sua vigência?

O Sr. **Afonso Varela** (ADI): — ... as leis, quando não são cumpridas, normalmente as pessoas,...

*Murmúrios.*

A Sra. **Presidente**: — O Sr. Deputado Conceição Moreno tem tempo e pode fazer também uma intervenção. Vamos deixar o Sr. Deputado continuar.

O Sr. **Afonso Varela** (ADI): — Gostaria de concluir, dizendo o seguinte. O Orçamento é uma lei especial, é também uma previsão. Têm que conservar isso na cabeça. Portanto, o Estado vai dizer que vai arrecadar receitas de 10, pode arrecadar 11, pode arrecada só oito. Tudo vai depender da conjuntura formar.

Mas o que eu gostaria de dizer de central é que podemos ter o mesmo orçamento com as mesmas cifras. A questão está na forma como cada governo dirige, como cada governo altera o quotidiano. Porquê? Este é o orçamento, mas se houver um governo pró-activo que é capaz de ir buscar e realizar investimentos, contruir 20 000 casas, fazer duas cidades, trazer aviões novos, fazer cinco barragens hidroeléctricas, o crescimento não será de 2%. Ele dispara para 10% e a situação do País melhora significativamente, apesar de eu ter um orçamento pobre.

Se tenho um governo em que a corrupção está institucionalizada, obviamente que o País se afunda, como fizemos, e se houver um governo em que haja menos corrupção, a coisa é outra. Quer dizer que a liderança é um elemento que é imanente à execução de um orçamento.

Por isso, é preciso ver o Orçamento, mas é preciso também ter a capacidade de ver para além do Orçamento.

Muito obrigado.

*Aplausos do ADI.*

A Sra. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Osvaldo Abreu.

O Sr. **Osvaldo Abreu** (MLSTP/PSD): — Sra. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro, Chefe do Governo e demais membros do Governo Constitucional, Caras e Caros Deputados, Comunicação Social, Colaboradores aqui presentes, bom dia.

Sra. Presidente, apesar do nosso escaço tempo, essas intervenções não ficarão sem respostas, como foi da outra vez.

O senhor, meu professor de português, acabou de dizer que este é um momento de solenidade, mas depois fez um contrassenso. Fez acusações, insinuações, continuou com inverdades, e falou de inverdades.

Diz contradição em relação ao que o meu colega disse, da semelhança entre os orçamentos. Naturalmente que é um contrassenso, porque as circunstâncias não são as mesmas. E é mais contrassenso ainda, quando dizem, ao longo de toda a justificação do Programa do Governo, das GOP e do OGE, que as conjunturas e problemas estruturais exógenos nos levaram a esta situação, e depois vêm com outros argumentos para justificarem o vosso fracasso. E um dos fracassos está no outro contrassenso. É quando nos diz que o Orçamento é uma previsão.

**Vozes do ADI**: — É o quê? E não é?

O Sr. **Osvaldo Abreu** (MLSTP/PSD): — Então, porquê apresentá-lo só agora?

*Aplausos do MLSTP/PSD.*

Se a justificação do Chefe do Governo é de que não podia apresentar o Orçamento, porque estava à espera do FMI. Se é uma previsão, porquê esperar o FMI?

**Uma Voz do ADI:** — Falou fora do microfone.

O Sr. **Oswaldo Abreu** (MLSTP/PSD): — Não. Se é uma previsão, poderia ter apresentado há mais tempo e não esperar até Junho, para estarmos aqui, porque é uma previsão.

*Murmúrios o ADI.*

Contrassenso!

Quando falamos de isenção, é bom que não deturpemos e digamos as coisas à população, como de facto elas são. Falou de isenção nas Alfândegas, esses produtos estavam a que percentagem, Sr. Deputado?

O Sr. **Afonso Varela** (ADI): — Ainda que fosse 1%. Mesmo que fosse 1%.

O Sr. **Oswaldo Abreu** (MLSTP/PSD): — Muito bem. Estavam a 5%. Não há mais nada e vai aumentar 7,5%. Então, onde estamos? É contrassenso ou é o quê?

*Aplausos do MLSTP/PSD.*

A vossa solução veio de encontro ao aumento previsível da previsão da aplicação do IVA. Era, na lógica da solenidade, fazer alguma coisa.

O Senhor referiu-se aos medicamentos. Dizer inverdades,...

O Sr. **Elísio Teixeira** (ADI): — Isso é economia, não é química.

O Sr. **Oswaldo Abreu** (MLSTP/PSD): — ... saberá em breve que isso é mais do que química, senhor meu colega e vizinho Elísio.

Sra. Presidente, o Sr. Deputado mencionou que devemos estar todos aqui solenes para discutir uma lei que o País espera e nos vêem com esta farábola que ouvimos aqui de má governação, corrupção, gestão danosa, responsabilização, que têm escolas nos vossos governos. Lamentavelmente! E temos que dizer, se querem vir discutir isso, já disse várias vezes, estamos disponíveis.

*Murmúrios.*

Nós, no MLSTP/PSD, não temos nenhum caso de governante que foi indiciado por transferência, não justificada, de mais de meio milhão de dólares, no Banco de São Tomé e Príncipe para fora.

*Aplausos do MLSTP/PSD.*

Só para citar um caso. Não temos referência de venda de imóveis para amigos a valores avultados, não justificados, que a olhos de todos foi sobrefaturação.

*Aplausos do MLSTP/PSD.*

Portanto, se querem continuar nestas coisas... como eu disse, as provocações vão ter resposta, à sua medida e na hora.

Voltarei aqui quando tiver outra oportunidade.

*Aplausos do MLSTP/PSD.*

*Protestos.*

A Sra. **Presidente:** — Sr. Deputado Conceição Moreno, ...

*Murmúrios.*

Não vamos desviar a discussão. A discussão é sobre o Orçamento Geral do Estado para o Ano Económico de 2023, Srs. e Sras. Deputadas.

O Sr. **Conceição Moreno** (MLSTP/PSD): — Sra. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo, eu venho, em primeiro lugar, manifestar ao Governo o descontentamento total do Príncipe, sobre o que são as previsões orçamentais, conforme já havia aqui dito, na sua declaração, o Primeiro-Ministro, com relação à Região Autónoma do Príncipe.

Então, vejamos: o Governo estima para o ano de 2023 cerca de Dbs. 3.775. 000. 000, 00 (três mil milhões, setecentos e setenta e cinco milhões de dobras) e, para isso, o Governo prevê para o Príncipe, um montante não superior a 122 milhões o que corresponde a 3,2% do Orçamento. Na distribuição do valor, na estimativa geral do valor Orçamento, o Governo programou Dbs. 2.393.000.000,00 (dois mil milhões, trezentos e noventa e três milhões de dobras) para despesas total, atribuiu ao Príncipe, em termos de previsão, 90.900 milhões dobras, cerca de 3% do valor.

Nas despesas de investimento, o Governo programou Dbs. 1.113.000.000, 00 (mil milhões, cento e treze milhões de dobras) e, entretanto, para o Príncipe, atribuiu 32 milhões de dobras. Em termos percentuais, cerca de 2,8%. Ou seja, se nós analisarmos esses valores, podemos concluir que o valor atribuído ao Príncipe conduz o Governo a cometer um grande pecado com relação à população do Príncipe e também um pecado forte com relação ao Governo Regional, que arregaçou as mangas e andou nas ruas do Príncipe a pedir votos para o ADI.

Convertendo esse valor em euros, para que a nossa diáspora possa perceber do que é que estamos a falar, numa estimativa de 154 milhões de euros, o Governo atribui ao Príncipe cerca de 4 milhões de euros. Numa estimativa de 97 milhões de euros para as despesas correntes, o Príncipe tem cerca de 3 milhões de euros. Para as despesas de investimentos, numa estimativa de 45 milhões de euros, o Príncipe tem apenas um milhão e pouco euros, para investimento.

E a questão que eu quero colocar é esta: seria justa esta perspectiva de distribuição da riqueza nacional? Do ponto de vista analógico, se nós fazendo uma analogia muito rápida, se nós dividirmos cerca de 150 milhões de euros, digamos, para os seis Distritos e a Região Autónoma do Príncipe, equitativamente, o que é que nós íamos ter? Teríamos acima de 20 milhões de euros, se calhar, para cada distrito. Compreendemos que os Distritos de Água Grande e Mé-Zóchi são os maiores, em termos territoriais e também em termos populacional, mas não é por isso que o Príncipe não tem uma previsão orçamental pelo menos que chegue 5% ou 10% da distribuição da riqueza nacional.

Portanto, o Governo Regional, com cerca de 1 milhão de euros, que tipo de investimento vai fazer, no contexto actual?

Outra questão é a seguinte, com a agravação da inflação, com o impacto forte sentido na redução do poder de compras e a consequência da dupla insularidade que assola o Príncipe, em termos de aumento do preço de todos os produtos, acha que estaria a ajudar o Governo Regional a enfrentar os desafios governamentais com essa previsão orçamental?

Sabendo que os preços dos materiais são mais elevados na Região, ou mesmo quando são transportados para a Região, que cobertura fazia o tão magro orçamento, o valor destinado ao investimento no Príncipe? Um milhão de euros? Que cobertura o Governo Regional faria?

Os valores previstos para o Príncipe, na rubrica de investimento, em 2022, eram de 55 milhões de dobras, mais de 2 milhões de euros. E para 2023 o Governo inscreve 32 milhões, cerca de um milhão e poucos mil euros. Como se explica essa redução? Uma redução drástica. O Príncipe merece ou não merece melhor proposta? É essa a solução? Uma distribuição da riqueza, onde o Príncipe está gravemente lesado? Na Região Autónoma do Príncipe, tudo é mais caro, em relação a qualquer distrito do País. Ninguém tem dúvida, começando pelo combustível, que compramos mais caro em relação a qualquer ponto do País. A questão que se coloca é: com a implementação do IVA, como será a vida da população da RAP? O Governo Regional não pode recuar ao poder de representação política. O Governo Regional deve continuar a ser um governo executivo. Portanto, que vantagem tem este Orçamento, posto que o valor previsto não atribui ao Governo Regional capacidade de responder aos anseios da população local?

Sr. Primeiro-Ministro, estou quase a terminar, 50% sob o salário de base para o subsídio de isolamento já não compensa. Portanto, a questão da dupla insularidade em relação aos preços dos produtos já não compensa. A inflação não para de subir, sobe com muita aceleração e no Príncipe as pessoas estão cada vez mais sufocadas. Então, a questão é, o Sr. Primeiro-Ministro e o Governo estariam disponíveis a dobrar

o subsídio de isolamento para 100%? Repito, o Sr. Primeiro-Ministro e o Governo estariam disponíveis a aumentar o subsídio de isolamento para 100%? Se sim, para quando?

Obrigado.

A Sra. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Levy Nazaré.

O Sr. **Levy Nazaré** (BASTA): — Eu peço desculpa, Sra. Presidente, porque não tenho como controlar o meu tempo que já é tão pouco.

Bom dia a todos, respeitando a devida precedência protocolar.

Começaria por um ditado português que diz: «na casa onde não há pão, todos ralhão, ninguém tem razão». Nós estamos a discutir hoje um Orçamento que é quase, mesmo na previsão, financiado pelos parceiros multilaterais e bilaterais. Isso para dizer que o dinheiro, se vier, esperemos que venha, todos nós, não é nosso dinheiro, é o dinheiro de outro povo, como já foi dito aqui. O que é que nós temos que fazer é encontrar mecanismos e políticas, para que possamos transformar esse dinheiro de outro povo, para começarmos a produzir mais, para termos o nosso próprio dinheiro, para que nos próximos orçamentos não estejamos tão dependentes do exterior.

Nós do Movimento BASTA não temos tempo para apresentar todas as nossas propostas de contribuição ao Orçamento, mas neste pouco tempo vamos apresentar alguma coisa.

Estradas, buracos, qual é o governo? Energia, falta de energia, qual é o governo? Medicamento, hospital, qual é o governo? Todos que já tivemos. Mas há um problema que rapidamente nós temos que estancar, porque não é o nosso dia-a-dia, é a fome. A fome. Na nossa história, poucos foram os momentos em que nós enfrentamos isso. E se nada fizermos rapidamente, o povo de São Tomé e Príncipe vai voltar a ter fome, como aconteceu em 82/83, independentemente das questões exógenas e endógenas.

Daí que a nossa proposta para o Governo, quanto a esta questão de fome, é chamar o Governo do Japão e ter a coragem de dizer-lhe que nós não queremos mais arroz. Ao invés de nos darem arroz, dêem-nos insumos agrícolas, dêem-nos sementes, e o Ministério da Agricultura teria aí um grande papel para debelar essa situação que nós vamos enfrentando. Eu acho que, bem explicado, eles iriam fazer isso. Não sei, nunca fui membro do Governo, mas acho que bem explicado eles iriam entender. Nós precisamos de produzir mais. Nós precisamos de trabalhar mais. Nós não podemos estar dependentes de cebolas que vêm de fora.

Esta é a proposta que o Movimento BASTA traz para debelar a grande questão que é a fome. Mas ao mesmo tempo, ao investir muito na agricultura de subsistência, pensar em mecanismos de transformação, para quando houver excedentes de produção agrícola, para criar mais-valia. Mas para isso também é necessário, é fundamental políticas de combate a furtos e roubos nas parcelas agrícolas, para incentivar aqueles de facto querem trabalhar e querem produzir. Daí que eu falei, no outro dia, que as pessoas não perceberam o trabalho que nós fizemos aqui da Lei de Furtos nas Parcelas Agrícolas. Foi vetado, reconfirmado por nós, mas foi vetado. Essa Lei falta regulamentar. É preciso ir buscá-la, regulamentá-la e dotar a nossa Polícia Nacional de mecanismos e meios para ajudar, polícias locais e polícias distritais, para combater o fenómeno de furto e roubo nas parcelas. Isso iria ajudar o problema que nós vamos enfrentando com a conjuntura internacional. Iria ajudar com os problemas que nós vamos enfrentar com o imposto do IVA, que é uma imposição dos nossos parceiros. Iria ajudarnos a mudar de mentalidade, porque o nosso prato principal deixou de ser banana com peixe e passou a ser arroz com chouriço e arroz com frango importado. Temos que inverter isso. E eu acho que é uma das muitas políticas que o Governo pode começar a fazer, para debelarmos essa situação.

A Função Pública tem que trabalhar mais, tem que produzir mais. É que muita gente vai ao trabalho, está no trabalho. Mas estar no trabalho não significa produzir para nós sairmos da situação em que nos encontramos. É preciso criar um clima de paz e serenidade, para podermos ter motivação de trabalho. Com um clima de crispação, um clima de medo, um clima de terror, nós não conseguiremos chegar ao nosso objectivo.

O meu tempo terminou, muito obrigado, Sra. Presidente, obrigado a todos pela atenção.

A Sra. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado e Vice-Presidente Abnildo d' Oliveira, para uma intervenção.



O Sr. **Abnildo d' Oliveira** (ADI): — Deputado Elákcio, se tem confiança no teu curandeiro, eu tenho confiança no meu Deus.

*Aplausos do ADI.*

Eu vinha a andar, coxeando, infelicidade por causa de um acidente. E não sabes o que te pode acontecer ao sair daqui. Portanto, sem vergonha, eu coxeio. E hoje nós estamos aqui com pessoas com deficiência, em honra a eles, e o senhor vem com essa forma jocosa. Mas eu prefiro ter deficiência física do que deficiência mental.

*Aplausos do ADI.*

Sra. Presidente, Srs. Membros do Governo, eu ainda não vou entrar propriamente no âmago daquilo que é a nossa discussão central, mas prestei atenção, como é o meu costume, quando os outros interlocutores usaram da palavra, o que me impeliu a vir aqui.

Eu estou numa República, que é a República Democrática de São Tomé e Príncipe. Nas minhas veias e artérias também corre sangue, também tenho famílias, tenho filhos, tenho pais para honrar. Há muita gente que vem aqui usar da palavra, que se a Justiça em São Tomé e Príncipe estivesse a fazer seu papel, não vinha aqui falar, tenho certeza disso. Eu falo olhando, olhos nos olhos, e não preciso gesticular ou fazer outra coisa para dizer que eu estou a falar a verdade. A minha palavra me acusa ou a minha palavra me defende. Eu não tenho tio juiz, não tenho primo juiz, não tenho irmão, não tenho nada. Nós temos casos na República que nunca são resolvidos.

Disse o Sr. Deputado Osvaldo Abreu que, se o orçamento é previsão, claro que é previsão, pelo menos ele está de acordo quanto a isso, o Governo devia ter apresentado o Orçamento antes, porquê só agora? Meu caro, tendo conhecimento profundo da nossa economia, daquilo que nós produzimos e daquilo que nós consumimos, como é que pode passar uma mensagem à população, dizendo que o Governo está em falta, porque apresentou o orçamento agora, devia apresentar antes. Não! Se nós dependemos de parceiros, o Governo devia, em Janeiro ou Fevereiro, dizer que vamos construir a estrada tal, 20 000 casas, com o financiamento de Angola e depois ir negociar com Angola? Isso seria uma irresponsabilidade do Estado. Em primeiro lugar, negoceia-se com os parceiros, depois agora inscreve-se. Até lá, executando ou não, isso já é «conta de outro rosário».

O Sr. **Osvaldo Abreu** (MLSTP/PSD): — Quer resposta?

O Sr. **Abnildo d' Oliveira** (ADI): — Quando o senhor entender por bem, venha responder. Eu não tenho problemas de sabatina, estou disposto.

Quando o Sr. Deputado Danilo Santos, Líder Parlamentar, diz, eu não sei se é «*copy paste*» ou se é «*copiê colê*» não sei em que língua isso estava, mas, seja como for, o Sr. Deputado tem memórias de que o agora Deputado Jorge Lopes Bom Jesus, na altura Primeiro-Ministro e Chefe do Governo, lançou pedras para várias obras. A estrada de Bobô Forro/Madalena, a estrada de Madre de Deus/Almeirim, Lucumi, Liceu de Caué. Então, digam-nos, senhores, que orçamento vocês tinham para suportar todas aquelas obras? Então, nós devemos apresentar um orçamento que não incluía aqui que vocês lançaram, inclusive enganaram as pessoas? Nós estamos num Estado real.

Subscrevendo o que disse o Sr. Deputado Afonso Varela, dada a solenidade deste momento, eu penso que até devemos compreender a lógica do Sr. Líder Parlamentar e dos outros, sobretudo do MLSTP/OSD, mas eu acredito que a maturidade política deste povo, a cada momento, está a crescer e não vai na onda desta lógica que os senhores querem transmitir. O povo já não compra essa narrativa.

Aí sim, concordo, bom, infelizmente o Sr. Deputado Levy Nazaré não está, que nós temos uma preocupação maior hoje que a nossa barriga, e a saúde também. Logo, um Governo que isenta a taxa de importação dos medicamentos não está a fazer nada? Tenho que tocar neste assunto, por mais que fosse a 20.<sup>a</sup> pessoa a falar sobre isto.

Muito obrigado.

*Aplausos do ADI.*

A Sra. **Presidente**: — Muito obrigada, Sr. Vice-Presidente.  
Tem a palavra o Sr. Deputado Aleksander Lima.

O Sr. **Aleksander Lima** (ADI): — Sra. Presidente, Sua Excelência Sr. Primeiro-Ministro, Srs. Membros do Governo, Caras e Caros Deputados, bom dia a todos.

Antes de iniciar, eu gostaria de deixar um parecer a nós que somos Deputados. É importante, as vezes, começarmos a encarar as coisas com olhos de ver, não sairmos da nossa casa e vir aqui para aparecer.

*Aplausos do ADI.*

Temos que começar a ser e não aparecer.

Quero, em primeiro lugar, agradecer o povo de São Tomé e Príncipe e em particular o da Ilha do Príncipe e também, em nome da população da Ilha do Príncipe, agradecer o Sr. Primeiro-Ministro Patrice Trovoada, pela palavra que teve com a população do Príncipe. Eu tive o prazer de ler bem o Orçamento e vi que tudo que foi falado para as pessoas da Ilha do Príncipe está no Orçamento.

O Sr. **Conceição Moreno** (MLSTP/PSD): — Indique, indique. Está no Orçamento?

*Risos.*

Relativamente ao Orçamento do Estado, quero dizer que nós todos sabemos que a conjuntura económica e financeira mundial é extremamente difícil. Assim sendo, é preciso ter coragem, determinação e acreditar que o Orçamento do Estado, além de ser um guia para as acções do Governo, também é necessário o engajamento de todos rumo ao desenvolvimento do São Tomé e Príncipe.

Felicito o Governo por ter dado, no Orçamento, destaque à Região Autónoma do Príncipe. E vou citar esse destaque: reservatório de armazenamento de combustível...

**Uma voz do MLSTP/PSD**: — Isso é especialidade.

O Sr. **Aleksander Lima** (ADI): — Estou a falar na generalidade.  
Projecto de fibra óptica...

O Sr. **Conceição Moreno** (MLSTP/PSD): — Fibra óptica?

O Sr. **Aleksander Lima** (ADI): — Sim.

O Sr. **Conceição Moreno** (MLSTP/PSD): — Não está no Orçamento.

O Sr. **Aleksander Lima** (ADI): — Fibra óptica está no Orçamento.

*Murmúrios.*

Vá lá ler. O senhor veio aqui falar só de números, números, numerous, mas numerous, na realidade, não enchem a barriga.

**Uma voz**: — Investimento.

O Sr. **Aleksander Lima** (ADI): — Muito bem.

Reparação e construção de infra-estruturas judiciais da Região Autónoma do Príncipe; aquisição de carros de bombeiros; reconstrução de um centro de estabelecimento de bens alimentares; requalificação de pontos turísticos; drenagens de saneamento do meio Mé Fideli e Lentá Pia, plano de compostagem e construção de Porto Real; também realização de mini-hídrica do Rio Papagaio; construção do estroço de estrada em calçada de Santa Rita a Praia Campanha; construção do estroço de estrada em calçada Porto Real a São Joaquim; reabilitação do estroço de estrada do Aeroporto a S. António; reabilitação de infra-

estruturas escolares; aquisição de uma ambulância; ampliação do Hospital Manuel Quaresma Dias e reabilitação do edifícios da Assembleia Legislativa...

**Uma voz do ADI:** — Muito bem.

*Aplausos do ADI.*

O Sr. **Aleksander Lima** (ADI): — E nós estamos cientes de que tudo isso não será fácil. Em nome dos Deputados e do povo da Ilha do Príncipe, venho aqui dizer que nós sabemos que não será fácil, mas em meio à dificuldade, encontremos a oportunidade.

Obrigado.

*Aplausos do ADI.*

A Sra. **Presidente:** — Obrigada, Sr. Deputado Alexander Lima.

O Sr. Deputado Ossáquio estava inscrito antes do outro Sr. Deputado, eu não sei se permite que ele venha agora.

Tem a palavra o Sr. Deputado Laudino Jesus.

O Sr. **Laudino Jesus** (ADI): — Sra. Presidente e o elenco da Mesa, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Primeiro-Ministro e o elenco governamental, Povo de São Tomé e Príncipe, que nos acompanha pelas redes sociais, televisão e rádio, muito boa tarde.

Eu venho cá apenas para dizer ao Sr. Primeiro-Ministro que quando encontramos ou temos o comboio fora do carris, é mais difícil tirar e colocar o carris do que pôr o comboio a funcionar. Se o comboio pára ainda sobre o carris, para o pôr a funcionar, basta uma pessoa. Mas se ele estiver fora do carris, caiu, saiu da linha, para o colocar na linha é preciso mais meios, mais homens e mais materiais, para o pôr a funcionar.

*Aplausos do ADI.*

A par disto, uma vez que estamos na discussão na generalidade, eu andei a ver os documentos, tanto as Grandes Opções do Planos como Orçamento Geral do Estado e o orçamento das instituições, venho cá dizer ao Sr. Primeiro-Ministro que a escolha das quatro directivas que compõem as Grandes Opções do Planos foram muito bem-feitas.

Eu, particularmente, das quatro directivas, elegi duas, que são a segunda e a quarta directiva. A segunda directiva porquê? Diz: «Recuperação das infra-estruturas físicas, económicas, sociais, abandonadas, destruídas e mal conservadas, de modo que o processo produtivo e o desenvolvimento rural retomem o seu curso normal». E a quarta que diz: «A execução de um programa que assegure o desenvolvimento sustentável e inclusive».

Por quê eu elegi essas duas directivas? Porque nós sabemos que qualquer desenvolvimento que se almeje, se não tivermos infra-estruturas que o suportem, nunca conseguiremos levá-lo avante. Neste caso, a recuperação de infra-estruturas pressupõe exactamente, seja infra-estruturas rodoviárias ou não, termos a base para desenvolver todas outras acções que queremos levar para as comunidades. Seja uma acção educativa, seja sensibilizações. Falo de estradas e rodovias, uma vez que estamos na generalidade. Quando estivermos na especialidade, irei indicar exactamente essas componentes.

Elegi também a execução do programa que assegura o desenvolvimento sustentável, exactamente porque o desenvolvimento sustentável pressupõe a continuidade. Garantir que nós tenhamos como viver hoje e amanhã. Portanto, garantir o nosso sustento presente e garantir também o sustento para a geração vindoura.

Inclusive porquê? Automaticamente, eu penso no cumprimento dos Objectivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) que São Tomé e Príncipe ratificou com as Nações Unidas. Portanto, são 17 objectivos. Um desenvolvimento inclusivo significa que a preocupação do XVIII Governo Constitucional chefiado pelo Dr. Patrice Emery Trovoada, está a preocupar-se com o cumprimento das ODS, ou seja, fazer com que nós tenhamos um país que cumpra todas as convenções que assinam e ratificam e fazer com que também

tenhamos um país bom para viver. Na gíria do turismo, costumamos dizer: «um país bom para viver é um país bom para visitar».

Obrigado.

*Aplausos do ADI.*

A Sra. **Presidente**: — Obrigada, Sr. Deputado.

Tem a palavra o Sr. Deputado Ossáquio Riôa.

O Sr. **Ossáquio Riôa** (ADI): — Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Primeiro-Ministro e o elenco governamental, boa tarde.

Eu até eu não queria falar hoje, mas fui obrigado a falar.

Primeiro, para parabenizar o Sr. Primeiro-Ministro, pela coragem para enfrentar este país que eu posso considerar que está no buraco. Tendo este Orçamento, se calhar o senhor pensou muito para vir aqui hoje.

O que me traz aqui é uma coisa, para mim, muito triste. Quando eu vejo e oiço pessoas com responsabilidade neste país a dizer aqui no pulpito, não só hoje, que o País está a fome, isto é grave. Isto muito grave!

Assim sendo, eu gostaria de dizer, para correcção do Deputado, quem é sabe, que deveria dizer, sim, que o custo de vida aumentou, e todos sabemos e estamos certos disto. E a verdade é que tem que haver uma solução. Investir na agricultura, investir na pecuária, para assim colmatarmos essa situação.

*Aplausos do ADI.*

Nós aqui hoje, nesta Sala, temos alguém, também com responsabilidade de Estado, que lançou o Projecto *Vamu Ximiá Pá Non Bê Kua Kumé*

**Uma voz**: — Não é *vamu ximia*. É *Bamu Ximiá*.

O Sr. **Ossáquio Riôa** (ADI): — Ok. Mas é verdade, e quem o lançou está cá. Apareceu na televisão, com enxada e tudo...

*Risos.*

**Uma voz**: — Preguiçoso.

O Sr. **Ossáquio Riôa** (ADI): — Se calhar é o maior preguiçoso que nós temos...

*Risos do ADI.*

*Murmúrios gerais.*

... comeu o dinheiro e hoje o povo está a sofrer por causa disso. Onde é que está o dinheiro daquele projecto? Onde é que está o produto daquele projecto?

E hoje vocês vêm dizer que o povo está a fome!? Por amor de Deus!

*Aplausos do ADI.*

Isto é vergonha! É vergonha!

Muito obrigado, Sra. Presidente.

Num outro momento eu volto aqui.

*Aplausos do ADI.*

A Sra. **Presidente**: — Obrigada, Sr. Deputado Ossáquio.

Tem a palavra a Sra. Deputada Itelmiza Pires.

A Sra. **Itelmiza Pires** (ADI): — Sra. Presidente, Excelência, Sr. Primeiro-Ministro, Excelência, Membros do Governo, Excelências, Caras e Caros Deputados, Excelências, Técnicos, muito bom dia.

Sr. Primeiro-Ministro, faço esta minha intervenção cá hoje, para dizer que nós, o povo de São Tomé e Príncipe, ainda temos esperança. Perante a situação que estamos a viver, ainda temos esperança, sim, no senhor, porque tem mostrado que está preocupado com a vida e com a barriga da população.

Em meu nome e em nome das mulheres de São Tomé e Príncipe, queremos dedicar a nossa esperança, sim, no seu governo.

O Líder da Bancada Parlamentar do MLSTP/PSD, o Sr. Danilo, referiu aqui que o actual Orçamento...

O Sr. **Elákcio da Marta** (ADI): — Isso é mata-mata ou quê?

A Sra. **Itelmiza Pires** (ADI): — ...é comparação do anterior orçamento. Eu digo que não, porque neste Orçamento dá-se uma atenção especial às mulheres, o que nunca aconteceu.

**Uma voz do ADI:** — Muito bem.

*Aplausos do ADI.*

No anterior Orçamento, a atenção às mulheres era de 0,0%. Hoje temos 0,2%, temos esperança, sim. E queremos pedir ao Governo que, para o ano, cresça mais a nossa esperança. A nossa esperança vai aumentar, sim. Vamos começar de 2%, mas vamos crescer. A nossa esperança está viva.

E também gostaria de apelar ao nosso Governo que dê uma pequena atenção às nossas mulheres e crianças, aquelas que sofrem de agressões. Eu estou a referir-me a um centro de acolhimento.

Porque muitas das vezes, quando as mesmas são atacadas, fazem queixas, mas têm que voltar ao mesmo local da agressão, para conviver com o autor do crime. Então, que houvesse alguma atenção especial, de modo que elas possam ficar um tempo curto, de modo a restabelecerem-se, depois voltar ao local.

Muito obrigada.

*Aplausos do ADI.*

A Sra. **Presidente:** — Muito obrigada, Sra. Deputada Itelmiza Pires.  
Tem a palavra o Sr. Deputado Elákcio da Marta.

O Sr. **Elákcio da Marta** (MLSTP/PSD): — Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Primeiro-Ministro e a sua equipa, Funcionários da Assembleia Nacional, Técnicos da Comunicação Social, Povo de São Tomé e Príncipe, os que residem cá e na diáspora, boa tarde.

Sra. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro, o Governo nos apresenta um Orçamento para o ano 2023, em Maio. Um Orçamento surreal, um Orçamento irrealizável.

Sr. Primeiro-Ministro, se não sabe, eu digo. O Orçamento Geral do Estado é um instrumento de governação, em que se provisiona a atribuição de despesas e arrecadação de receitas. Nessa perspectiva, como considerar esse equilíbrio, se neste Orçamento o senhor pretende tirar mais das pessoas, ao invés de pensar em dar mais.

O Sr. Primeiro-Ministro prometeu baixar o arroz, importação, imposto, ou seja, tudo, durante a sua campanha eleitoral. Eu vou fazer lembrar, em poucas palavras, aquilo que o Sr. Primeiro-Ministro disse durante a campanha. Boa escuta, por favor: «*Há uma solução para o problema da estrada, há uma solução para o problema da água e há uma solução para o problema da fome*». E este Orçamento está a prever o aumento de tudo. Trouxe à vida real um imposto denominado IVA. Aliás, na sua Bancada Parlamentar, existe Deputados que amam o IVA.

O Sr. **Afonso Varela** (ADI): — Quem aprovou o IVA foi o Governo do MLSTP/PSD.

O Sr. **Pedro Carvalho** (ADI): — 9.ª Classe de antigamente as pessoas tinham que dispensar.

O Sr. **Elákcio da Marta** (MLSTP/PSD): — O Sr. Primeiro-Ministro pensou em aplicar o IVA, mas congelou os salários. Este Orçamento reflecte e vai reflectindo a aplicação do IVA. Se aplica o IVA e congelou os salários, como é que as pessoas vão sobreviver?

O Ministro das Finanças, numa das suas intervenções, em Janeiro, havia dito que iriam despedir professores. Essa intervenção do Ministro das Finanças vai custar-nos muito caro. Nós temos que repensar, antes de falar. O FMI tomou como exemplo essa informação do Ministro das Finanças, e colocou na mesa, numa das recomendações. Brevemente irão despedir mais de 2000 funcionários. Caso não o fizerem, não irão assinar o acordo com o Governo.

Para dizer que este Governo tem falhado em tudo. Sr. Primeiro-Ministro, o senhor e a sua equipa estão todos atrapalhados. O desejo e sede do poder foi tanto que o senhor hoje já se arrependeu de assumir a liderança deste Governo de fome, de miséria, de sofrimento e falta de solução. Ou seja, o povo hoje está todo desesperado, as famílias estão cada vez mais pobres.

Os pais e encarregados de educação pediram-me para dizer ao Sr. Primeiro-Ministro que 1 de Junho está à porta. Por favor, diligencie com o pagamento do salário, porque os pais querem que as suas crianças estejam felizes.

Para terminar, Sr. Primeiro-Ministro, estamos perante uma crise de custo de vida. São Tomé Poderoso e Santo António devem proteger-nos deste mau Governo.

Eu vou só dar um exemplo. Eu trouxe um pão, que era consumido antigamente pelo povo, era maior. Hoje, eu trouxe outro pão. O que é que acontece nessas duas comparações? O Sr. Primeiro-Ministro disse, nas campanhas, que o pão transformou-se em ovo. Este é que é seu pão, este é o pão do anterior governo. O tamanho era maior. Este é que é seu pão. O Sr. Primeiro-Ministro acha isso justo?

Quando tivermos que tomar rédea do País, temos que saber o que dizer e com quem devemos proferir palavras. Tudo que o senhor disse durante o período eleitoral está gravado. Como o senhor não tem cumprido, hoje o povo tem vivido cada vez pior.

É isso que me trouxe aqui e posteriormente poderei trazer mais contribuições.

Muito obrigado.

A Sra. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Edmilson.

O Sr. **Conceição Moreno** (MLSTP/PSD): — Edmilson está com medo.

O Sr. **Edmilson das Neves** (ADI): — Sra. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro e demais Membros do Governo, Sras. e Srs. Deputados, Técnicos desta Casa Parlamentar e da Comunicação Social, Povo de São Tomé e Príncipe, boa tarde, em especial aos que estão aqui connosco.

Meus senhores e minhas senhoras, ninguém tem dúvida da situação difícil que o nosso povo está a enfrentar, enquanto lida com os desafios de cortes constantes de energia eléctrica, do aumento de custo de vida, da falta de oportunidade de emprego e a falata de condições para que os jovens possam realizar o seu projecto de vida.

Um Governo sério é aquele que tem consciência desses desafios e se lança na tarefa de procurar soluções para os resolver.

E muito honestamente, Sr. Primeiro-Ministro, é isso que nós temos vindo a constatar desde que o senhor e o seu Executivo entraram em funções.

Uma oposição seria é aquela que, perante esses desafios, apresentam alternativas e fazem críticas construtivas. Não é certamente essa que se lança na estratégia de apontar apenas para as gorduras, dizer mal das coisas boas, e de vir constantemente a este púlpito nos pedir solução, como se o ADI assinasse algum acordo com o MLSTP/PSD, para apresentar soluções para todos os problemas que os senhores criaram na governação de 2018 a 2022.

*Aplausos do ADI.*

O Sr. **Conceição Moreno** (MLSTP/PSD): — Esse discurso é que está a estragar o trabalho.

O Sr. Deputado Conceição Moreno vocifera muito. Normalmente quem vocifera muito não tem razão.

*Murmúrios e aplausos do ADI.*

Mas nós sabemos que todas essas bocas que sobem aqui a nos pedir solução têm um coração que deseja todos os dias que as coisas possam correr mal a este Governo. Mas eu tenho uma notícia muito má para todas essas pessoas. Este Governo e o Grupo Parlamentar que lhe dá suporte estão prontos para trabalhar lado a lado com os são-tomenses, para apresentar soluções, para resolver o problema do povo.

*Aplausos do ADI.*

Este Orçamento de Estado não é apenas um orçamento para o ano de 2023. É um dos quatro orçamentos que ao longo de 2023, 2024, 2025 e 2026 vão dar execução à visão estratégica que o Governo definiu para esta Legislatura.

O ADI assumiu com o País um compromisso de mudança e uma das provas de que essas mudanças estão a acontecer é a maneira como lidamos hoje com o cargo do Estado; é a maneira como distribuímos hoje as oportunidades e é a maneira como exigimos de todos uma gestão muito sã e prudente das finanças públicas. Porque temos a consciência de que neste país existem muitas desigualdades e é com um sentido de responsabilidade muito elevada e uma orientação ética muito forte que vamos conseguir dar a volta por cima.

Até o momento,...

O Sr. **Conceição Moreno** (MLSTP/PSD): — Isso é falso! Com relação ao Príncipe, não é verdade.

O Sr. **Edmilson das Neves** (ADI): — Sr. Deputado Conceição Moreno, até o momento, todo o debate do OGE provou que o MLSTP/PSD não tem alternativas.

O Sr. **Conceição Moreno** (MLTP/PSD): — O senhor é novo.

O Sr. **Edmilson das Neves** (ADI): — Sou novo, mas já acompanhei muita discussão do OGE e sempre que um orçamento é apresentado há muitas críticas, muitos discursos políticos, mas quando os críticos são chamados a apresentar alternativas, elas não surgem.

Sr. Primeiro-Ministro, não poderia terminar sem antes dizer-lhe isso. Com os acordos que o senhor assinou, em conjugação com este OGE, marcou um *hat-trick* a favor de São Tomé e Príncipe e a favor dos são-tomenses.

*Aplausos do ADI.*

E queria dizer-lhe mais. O momento que estamos a atravessar é um momento difícil, temos consciência, mas é o momento também que apesar de todas as nossas diferenças, todos que estamos aqui deveríamos jogar na mesma equipa face a um adversário que é comum, que é a fome, a falta de emprego, a crise energética, dentre outras. Mas não é isso que está a acontecer. O que vimos até aqui é que o MLSTP/PSD jogou fora de jogo, não apresentando alternativas, não dizendo aquilo que está mal, e nós como um partido do poder proporíamos desta maneira.

Sra. Presidente, termino com duas frases: povo de São Tomé e Príncipe, tenho a certeza de que com a responsabilidade, com o comprometimento, saberemos pisar um chão seguro, com confiança, para que 2023 ainda seja um ano de recuperação, um ano onde os são-tomenses poderão sonhar mais alto e ir mais além.

Ao MLSTP/PSD, queria dizer o seguinte: oposição ao Governo suportado pelo ADI não significa oposição ao desenvolvimento de São Tomé e Príncipe.

*Aplausos do ADI.*

A Sra. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Primeiro-Ministro.

O Sr. **Primeiro-Ministro e Chefe do Governo** (Patrice Trovoada): — Sra. Presidente, estamos na Casa da Democracia, as pessoas estão a olhar para nós e poderão apreciar uns e outros.

Quero dizer que despedir funcionários é uma mentira.

Quanto ao tamanho do pão, também constatei, até sei qual é a padaria e pedi...

*Aplauso do ADI.*

...à Inspeção Económica para ir àquela padaria, porque pelo mesmo preço, consoante a padaria, um pão era maior e outro era menor, mas conhecemos o País. É um país em que ainda há muita fraude, e é a fraude queremos combater.

Se me perguntarem também qual é o contentor que vende o combustível mais barato, posso indicar.

O País tem disfuncionamento vários e estamos a combater exatamente isso, porque são coisas como essas e outras que prejudicam os são-tomenses e prejudicam as finanças públicas.

Em jeito de informação também, o problema que houve com os produtos de tratamento de água foram resolvidos no dia 20, com os produtos que vieram da Região Autónoma do Príncipe, 2,5 toneladas de produto.

Quanto ao crédito concecional, se possível, quando possível. É uma realidade. Eu sou uma pessoa muito concreta e real. Digo ao FMI, ao Banco Mundial, aos nossos parceiros que não lido só com cifras e com quadros de Excel. Em última instância, lido com gente, o povo de São Tomé e Príncipe. Quando a gasolina só dá para o dia 5 de Junho, quando o gasóleo só dá para o dia 14 de Junho, tenho que arranjar solução, e arranjam solução. Então, o que importa é estarmos no real.

Quando a ENCO não tem dobras, nem dólares; quando a EMAE não tem dobras para pagar à ENCO; quando o Banco Central não tem dólares para importar, não só o combustível, mas a comida, o Governo tem que agir. O Governo não vai deixar cair o povo são-tomense, não vai deixar o País às escuras. Temos que encontrar a solução, e estamos a encontrar soluções.

É preciso estarmos de facto no real, porque o povo está a olhar para nós. Não só o povo, a comunidade internacional, o FMI, o Banco Europeu, o Banco Mundial, o BAD, Portugal, todos estão a olhar para nós. Então, temos que ser sérios!

Quem vem falar aqui do IVA, quando é que nos comprometemos com o FMI com o IVA? Foi em 2019. Cumprimos? Não cumprimos. Pode ter havido razões. Algumas delas. eu também, quando chegamos ao poder, havia outro compromisso, foram protelando. IVA tinha que ser em Outubro, mas protelar até quando? Sobretudo quando o FMI tinha parado com o programa. O FMI disse que o País descarrilou. Não sou eu, foi o FMI que disse primeiro. Completamente descarrilado. Um deputado disse aqui, quando um comboio descarrila, o que você faz?

O FMI não estava disponível para um novo programa com São Tomé e Príncipe. Tivemos que negociar. Toda gente aqui sabe ou deveria saber, pelo menos aqueles que estiveram no governo. O que fazemos sem o programa com o FMI?

Srs. Deputados, sem o programa com o FMI, teriam salários seis meses e poucos dias. Depois, nada. Temos que ser sérios! Não é vir aqui dizer coisas, para tentar ganhar a simpatia do povo. O País está numa situação difícil.

Por isso, no dia 1 de Junho, vamos aplicar o IVA, porque não temos outra hipótese. Mesmo assim, volto a dizer, fizemos um esforço de justiça social e fiscal. Minha gente, vamos fazer contas. Cinco para sete e meio, são dois e meio. Você tira cinco, fica dois e meio. Baixou ou não?

Nós aqui tivemos e temos o compromisso do IVA. Ora 15, ora 7,5. Mas suprimimos todas as outras taxas e os direitos alfandegários para uma série de produtos que foram ditos aqui: medicamentos, arroz, açúcar, sal, óleo alimentar, sabão, produtos de higiene feminina, esparguete e mais outras coisas. E também foi dito que limitamos a taxa de lucro a 10%, numa preocupação de justiça social

Mas foi dito também aqui que quem ganha mais que 35 000 dobras vai pagar mais imposto, e quem ganha mais que 50 000, aquela fatia mais alta, vai pagar uma sobretaxa ainda de 20%. Isso é justiça fiscal.

Em relação à Região Autónoma do Príncipe, os produtos da cesta básica, também não vão pagar nem transporte, nem taxas regionais.

Ainda sobre o Príncipe, não podemos só passar o tempo a olhar para a percentagem, porque a própria Região também cobra receitas. E porque alguns serviços são centrais, a Defesa, a Justiça, então, lançar só percentagens, é preciso ir ao detalhe.

De facto, podemos fazer política, mas estamos a lidar com pessoas que estão em situações complicadas, e é bom estarem devidamente informadas.

No Príncipe, também quero dizer que, em 2022, o funcionamento estava programado para 63,5 milhões de dobras, a execução foi de 89 milhões de dobras e poucos. A execução foi mais do que aquilo que foi a previsão, nas despesas corrente. Mas no investimento, o programado foi de 60. 823 milhões de dobras e o



executado só 20. 870 milhões de dobras. Então, vamos falar a verdade. Como disse na minha intervenção, vamos tentar repor o País numa perspectiva de sustentabilidade. Isso é que é o mais importante.

Volto a dizer que este Orçamento é para 6 meses, e mesmo se o investimento representa só 1/3 do Orçamento, que é grave, mas em 6 meses, conhecendo a capacidade de execução da nossa Administração, não vale a pena estarmos a pôr coisas no investimento que não vão acontecer.

Estamos perfeitamente confiantes, a luta contra a inflação e custo de vida, é também um processo. Se não temos divisas para importar, o comerciante não terá divisa para importar. Não há *stock*, há especulação, mas o Governo, tal como com o combustível, está a procura de medidas, de parceria, de soluções, não só para comida, mas também para os próprios comerciantes nacionais, que hoje não têm capacidade de importar, compram aqui mesmo na praça e vendem a alguém que vai vender. Tudo isso é uma inflação também criada, em parte, a nível local.

Dentro de mais algumas semanas iremos apresentar soluções e estamos confiantes. Mais umas semanas, mais uma negociação com financiadores, mais um tempo para o barco trazer a mercadoria, as coisas vão mudar.

Sei o quanto uns gostam de mim e não vou deixar nenhuma oportunidade, vou continuar como estou, a trabalhar, e vamos ter soluções. É uma questão de tempo e de guardarmos os focos.

Conheço perfeitamente bem este país e conheço perfeitamente bem os maus hábitos e as pessoas, mas não quero perder tempo. O que me interessa é a solução.

*Aplausos do ADI.*

Algumas pessoas preferem ter um discurso de ataque, às vezes mesmo de ódio, mas estou convencido também que irão reconhecer e irão agradecer-me, porque precisamos de um país melhor para toda gente. Como está, não está bem para ninguém. Temos que ter consciência disso, quer os que estão no poder, quer aqueles que estão na oposição.

E pior de tudo, quero confidenciar, os nossos parceiros internacionais estão surpreendidos com a maneira como muitos dentre nós estão relaxados face a uma situação que é extremamente grave. Estamos muito relaxados. Não sei como é que alguém me pode ajudar, se estou numa situação crítica, quase a morrer e não estou preocupado, estou relaxado. A pessoa vai pensar que quero suicidar-me.

Não sei, em termos macroeconómico, se há algum país no mundo que tem as cifras que temos em São Tomé e Príncipe. Não sei, não acredito, mas estamos relaxados.

Estamos aqui a falar, mas estamos a lidar com pessoas. Então, vamos continuar com este exercício. Esperemos mais contribuições, mas contribuições sérias, críticas construtivas, sérias, e depois, consoante a decisão desta Assembleia, saberemos o que nos resta fazer. Porque temos ainda muito a fazer, temos ainda muita pedra a partir, até que o País saia da situação em que se encontra. Mas temos confiança e pedimos aos são-tomenses esforço, sim, disciplina, sim, contenção, sim, mas sobretudo que tenham confiança de este País vai mudar.

*Aplausos do ADI.*

A Sra. **Presidente**: — Muito obrigada, Sr. Primeiro-Ministro.

E porque ainda temos inscritos, tem a palavra o Sr. Deputado Baltazar Quaresma.

O Sr. **Baltazar Quaresma** (MCI/PS-PUN): — Sra. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro, Srs. Membros do Governo, Caras e Caros Deputados, boa tarde.

Sr. Primeiro-Ministro, subscrevo, e de que maneira, o primeiro ponto elencado nas GOP, no que diz respeito, como é óbvio, a «adopção e implementação de medidas que permitam melhorar o poder de compra das populações,...». Confesso aqui que não quero alinhar, dizendo que existe fome em São Tomé. É verdade que a população, de uma forma em geral, depara-se com uma situação crítica, com alguma dificuldade em ter algum valor económico para fazer face ao seu dia-a-dia. Por hábito, percorro quase todos os distritos do País e nas minhas andanças deparei-me com uma realidade reinante no nosso país, que tem a ver com a falta de cultura de trabalho. Se não trabalhamos, como queremos garantir o sustento?

Nós, os são-tomenses, somos, de acordo com a nossa natureza, uma raça que espera que algo caia do céu, enquanto em outras paragens vão à busca.

Srs. Deputados, a realidade do País nos incomoda, é verdade. Agora, pergunto, sem esperarmos o Governo, como Deputados, porque a oposição também faz política, a oposição também dá contribuições, que medida podemos adoptar juntamente com o Governo, para mudarmos o figurino do País?

Meus senhores, tradicionalmente, estima-se que o Distrito de Caué é o mais pobre dentre todos. Nós, os Deputados, para aqueles que nunca tiveram a oportunidade de lidar com a população alvo da fragilidade económica, é complicado. Estou a falar da classe dos pescadores. Claro, Angolares é uma comunidade maioritariamente de pescadores. Hoje em dia, os pescadores têm estado a ir para o mar, assim como vão, regressam. Se os pescadores não tiverem a garantia daquilo que saem de casa para ir a busca, as *palaiês* serão pior.

Em Caué, costumamos alcunhar os pescadores de motor, a alavanca da economia do Distrito. Hoje essa classe se encontra atirada à sua sorte.

Quero aqui apontar um contrassenso, mas que podemos encontrar solução. Se de facto o Distrito de Caué, consensualmente, é o mais pobre, por que é que na rubrica do Orçamento destinada para a Câmara, só estão atribuídos 5 milhões de dobras? Não entendo. Estamos a falar de um distrito onde a Câmara tem responsabilidades. É ou não é? Um ministério tem na sua rubrica valor muito superior à Câmara, que tem responsabilidades para com o Distrito.

Sr. Primeiro-Ministro, acredito que com a projecção e a seriedade que este Governo demonstra para combater qualquer tipo de desvio, corrupção, se assim for e se a lei funcionar, se a justiça funcionar, é possível mudarmos o figurino deste país.

*Aplausos do MCI/PS-PUN.*

A Sra. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado José Maria Barros.

O Sr. **José Maria Barros** (MLSTP/PSD): — Sr. Primeiro-Ministro, trago duas preocupações relativamente ao OGE.

Na caixa 1, «medidas fiscais adoptadas em sede de OGE», uma das medidas está «aumento das taxas aduaneiras de importação de viaturas novas.» Acho que deveria ser o contrário. Deveríamos incentivar a entrada de carros novos.

Em outras paragens é assim que funciona. Qual é a definição de carros novos para o XVIII Governo? Acho que deveríamos incentivar a entrada de carros novos.

**Uma Voz do ADI**: — Você ainda tem carro?

O Sr. **José Maria Barros** (MLSTP/PSD): — Graças a Deus, ainda tenho.

A outra minha preocupação tem a ver com a data da entrada em vigor do IVA. Há bem pouco tempo, aprovamos a alteração do Código do IVA, que dizia que o IVA entraria em vigor no dia 1 de Junho, mas no Orçamento, na página 37, diz que o IVA e o imposto especial entram em Julho. Acho que é preciso alterar no Orçamento, tendo em conta que o Código já foi aprovado.

*Aplausos do MLSTP/PSD.*

A Sra. **Presidente**: — Estamos a aproximar das 13 horas, quero colocar a situação para analisarmos.

Temos o tempo do debate efectivo de 5 horas, mas existe o tempo morto, que nos levou até às 13 horas. Ainda temos o Grupo Parlamentar do ADI com 64 minutos, do MLSTP/PSD com 30 minutos, da Coligação MCI/PS-PUN com aproximadamente 12 minutos, o Governo ainda com 91 minutos, e ainda temos inscritos. Quero solicitar a Assembleia o que fazer. Continuamos até às 14 horas ou suspendemos para o almoço? Gostaria de ter a sugestão dos líderes parlamentares. Srs. Líderes Parlamentares, sugestão? Para todos os efeitos, vamos suspender a sessão para amanhã, mas tendo em conta que para hoje ainda temos tempo e ainda temos inscritos, estou a solicitar o que fazer.

Tem a palavra o Líder Parlamentar do MLSTP/PSD.

O Sr. **Danilo Santos** (MLSTP/PSD): — Sra. Presidente, é certo que ainda falta muito tempo, mas acho que nós podíamos fazer o debate corrido até às 14 horas e 30 minutos ou 15 e encerrar de uma vez.

Muito obrigado.

A Sra. **Presidente**: — Obrigada, Sr. Líder, pela sugestão e opinião. Líderes do ADI e do MCI, até as 14 horas?

A Sra. **Beatriz Azevedo** (MCI/PS-PUN): — Eu vou sair com os meus Deputados.

A Sra. **Presidente**: — Sim, eu também estive aqui às 9 horas, é verdade, mas pronto, vamos ver, a maioria vence. Podemos consentir esforços e ficar até as 14 horas e 30 minutos e suspender a sessão para amanhã, ao invés de fazer intervalo.

A maioria vence, e já venceu, vamos continuar.

Muito obrigada, Srs. Líderes.

Tem a palavra o Sr. Deputado Adllander Matos.

O Sr. **Adllander Matos** (MLSTP/PSD): — Muito obrigado, Sra. Presidente, cumprimentando a todos, obedecendo à regra protocolar.

O tempo não me permite uma abordagem mais detalhada, mas gostaria de destacar a presença da Associação de Pessoas com Deficiências, que se prontificou em assistir presencialmente este debate.

Sr. Primeiro-Ministro, eu trago também duas questões, à semelhança do Sr. Deputado que me antecedeu, particularmente no domínio da Protecção Social. No anexo deste Orçamento, particularmente a nível da Segurança Social, vi que o Instituto projecta uma despesa estimada em Dbs. 221.590.33,73 (duzentos e vinte e um milhões, quinhentos e noventa mil, trinta e três dobras e setenta e três cêntimos) receita, mas estranhamente, Sr. Primeiro-ministro, Sr. Ministro que superintende a área da Segurança Social, concretamente a nível da Protecção Social, projecta uma despesa de Dbs. 240.940,24 (duzentos e quarenta milhões, novecentos e quarenta mil e vinte e quatro cêntimos), mais de 19 milhões de dobras de despesa prevista do que a receita a arrecadar. Eu não sou economista, mas sei que basicamente, no orçamento, não se pode prever gastar mais do que a sua capacidade de arrecadar receitas.

Eu gostaria de obter explicações a este nível, porque eu entendo que este anexo deve ser devolvido para correcção. Estou a falar de um anexo de um orçamento aprovado na Segurança Social, aprovado no Conselho de Administração, assinado por todos os membros do Conselho de Administração e submetido a esta Casa Parlamentar. Isto é grave!

Nesse sentido, gostaria de obter explicações do Governo sobre esta matéria.

Sr. Primeiro-Ministro, também a nível da Protecção Social e da Cidadania, eu não podia ficar calado, e está equipa a Associação de Pessoas com Deficiências e certamente gostariam de ouvir de nós e particularmente do Governo, porque com o fim do Programa de Resposta à Emergência Socioeconómica, cerca de 4 000 idosos que recebem o subsídio contínuo e não conhecido estão há 6 meses sem nenhum apoio directo do Estado. Cerca de 3 000 pessoas com deficiências que beneficiavam do Programa, ou seja, que a cada 2 meses tinham um benefício de 1.800 dobras estão sem benefício.

Eu vi que o Governo projectou, a nível deste Orçamento, acções para atender a esta classe. A questão que coloco é, quando? Quanto é que o Governo pretende pagar ou apoiar esses idosos? Quando eu falo de idosos, estou a falar de pessoas que já não têm forças activas para trabalhar, que vivem a mercê da contribuição dos seus filhos, mas que também contribuíram para esta República. Daí que eu gostaria de saber, com o fim do PRES, que medidas? Quanto? Quando o Governo pretende atender a essa classe que, com o fim do PRES, ficou na situação em que está?

Muito obrigado.

*Aplausos do MLSTP/PSD.*

A Sra. **Presidente**: — Obrigada, Sr. Deputado.

Tem a palavra o Sr. Deputado Gabdulo Quaresma.

O Sr. **Gabdulo Quaresma** (MLSTP/PSD): — Sra. Presidente, Mesa, Excelentíssimos Colegas Deputados e Deputadas, Sr. Primeiro-Ministro e Chefe do Governo, Técnicos da Assembleia e da Comunicação Social, nossos visitantes, povo de São Tomé e Príncipe, boa tarde.

A preocupação que me traz aqui é porque o Governo definiu quatro linhas de acção para o ano 2023, e em duas delas, pelo menos, uma é a adopção de medidas para melhorar o poder de compra e outra é a melhoria de infra-estrutura, não vi, o que me deixa muito preocupado e triste, qualquer menção à melhoria

ou manutenção das infra-estruturas rodoviárias. Falo de uma actividade que é executada pelo GIME. Quem não sabe, GIME é o Grupo de Interesse de Manutenção de Estradas, que é um programa bastante importante de luta contra a pobreza, é um programa que também, para quem não sabe, já foi até eleito como o melhor programa com investimento externo a nível da África Subsariana. Se estamos realmente preocupados com o povo, é um programa que atinge São Tomé e Príncipe, deveria ter uma atenção melhor do Governo. E diga-se de passagem, nós já assistimos, em outras legislaturas, não aquela do Governo de retalho, como se diz, atrasos no pagamento de subsídios ao GIME de até 8 meses. Neste momento, estamos a falar de cerca de 9 meses. A última vez que se pagou o GIME foi em Agosto do ano passado. Os GIME empregam directamente cerca de 1400 pessoas e indirectamente o dobro, cerca de 3 000 pessoas. Portanto, é lamentável que não venha aqui plasmada a atenção que se devia dar a esse programa, quando ele se reveste de bastante importância para São Tomé e Príncipe e é um programa bastante estruturante.

Respondendo também rapidamente àquilo que se disse aqui, até Novembro do ano passado, todas as obras e infra-estruturas rodoviárias tiveram arranque com o visto do Tribunal de Contas e com o adiantamento inicial. Nenhuma obra, pelo menos enquanto eu estive no INAE, teve arranque sem o adiantamento inicial, que é o que está previsto nas condições especiais do contrato que se assina com as empresas para intervenção nas infra-estruturas rodoviárias.

Outo ponto importante também é que o Governo elegeu a reabilitação de infra-estruturas de edifícios, inclusive eu vi a reabilitação do Gabinete do Primeiro-Ministro, não vi obras estruturantes e infra-estruturas rodoviárias na região autónoma do Príncipe, pelo que na especialidade voltarei a falar sobre isso.

Muito obrigado.

A Sra. **Presidente**: — Obrigada, Sr. Deputado.

Tem a palavra o Sr. Deputado Wuando Castro.

O Sr. **Wuando Castro** (MLSTP/PSD): — Sra. Presidente, Mesa, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Primeiro-Ministro e Membros do Governo, Técnicos da Comunicação Social, Associação de Pessoas com Deficiência, boa tarde.

Indo directo ao assunto, nós estamos cá hoje, como já foi ditto aqui, supostamente num momento solene, para discutir na generalidade o Orçamento Geral do Estado para o ano 2023, Orçamento Geral do Estado que como nós sabemos é o instrumento fundamental para a definição das políticas financeiras e económicas de um Estado. Daí que realmente, estando a fazer esse exercício 6 meses depois da tomada de posse do novo Governo, independentemente das justificações aqui apresentadas, é sim um ponto negativo para este Governo. Para quem disse que tinha pressa em assumir o poder, tinha pressa em constituir o Governo, tinha pressa em começar a trabalhar, um instrumento desta envergadura não deveria demorar tanto tempo a ser concebido.

Como todos nós sabemos, o Orçamento Geral do Estado, apesar de ser previsão de receitas e despesas, não deve ser só números. Nós deveríamos ser capazes de olhar para este Orçamento e tirar dele a visão do Governo, a proposta do Governo, em termos gerais, até ao final deste Ano Económico, para tentar resolver os problemas do País.

E indo além dos números, Sr. Primeiro-Ministro, nós não entendemos, não conseguimos ver nenhuma medida concreta de estímulo à criação de emprego, por exemplo. Não conseguimos ver nenhuma medida concreta para apoiar a diversificação da economia e a criação de riqueza. Não vemos. Sector do Turismo totalmente negligenciado, empreendedorismo jovem *idem*, o comércio, também, portanto, como é que queremos resolver o problema, quando o sector produtivo foi altamente negligenciado neste Orçamento?

Falando de uma área que me é muito cara, a Comunicação Social, a mesma coisa, nenhum investimento concreto proposto para essa área importante que é o 4.º poder, a não ser a continuação das obras da TVS. Muito mau!

Na parte das despesas, quando o Governo, enquanto organismo de Administração Central do Estado, vem falar em austeridade, que a situação está complicada, que estamos num período muito agressivo em termos económico, devia dar exemplo nesta área, devia ser o primeiro a cortar as despesas injustificadas, para dar o exemplo, como se diz na gíria, «apertar o cinto», este mesmo Governo apresenta-nos uma proposta de orçamento, em que todas as despesas primárias que deveriam ser supérfluas, podiam ser cortadas, aumentaram. Despesas com viagens, subsídio de representação, subsídio de carácter reservado, até o combustível, estranhamente, quando nós sabemos que, das medidas mais mediáticas promovidas por este Governo, no início, foi a questão da gestão do parque das viaturas do Estado. As viaturas

supostamente deixaram de circular depois das horas normais de expediente, estão parquoadas aos fins de semana, mas estranhamente temos um orçamento em que a dotação para o combustível aumentou em mais de 50%. Pode haver um acerto por causa da subida de preços do combustível, mas não justifica essa diferença toda.

Sr. Primeiro-Ministro, como diz que está cá também para ouvir propostas e contribuições, vai a minha primeira proposta. Espero que o Governo, em sede de discussão na especialidade, tenha a coragem de cortar em 50% todas essas despesas desnecessárias. Se fizer isso, pelas minhas contas, assim por alto, vai ter um *superávit* de quase 50 milhões de dobras, 2 milhões de dólares. Dava jeito ao Sr. Ministro das Finanças, conseguia, se calhar, pagar meio mês de salários à Função Pública.

Outra medida anunciada pomposamente há muito tempo para combater a o aumento do custo de vida foi a questão do IVA, ou seja, estabelecer um pacote especial para os produtos de primeira necessidade a uma taxa de 7,5%. E nós, por acaso ainda na semana passada, aprovamos a terceira alteração ao Código do IVA, em que foi elencado uma lista de produtos de primeira necessidade, que vão ser abrangidos por esse regime especial. Eu só tenho a lamentar que já não vamos a tempo de mudar, mas o Governo deveria ser mais ousado nessa área ou, como os senhores costumam dizer, ir mais além e fazer como os outros países estão a fazer, tentar junto ao FMI e junto aos parceiros de cooperação, ao invés de 7,5%, isentar essa taxa, pelo menos durante o período de 2023 até ao final do ano, como Portugal fez com muitos produtos durante 6 meses. Isso sim é que seria uma iniciativa de louvar.

Já que estou a falar do CIVA, só corrigir aqui o Sr. Deputado Varela e o Sr. Primeiro-Ministro, em relação aos medicamentos. Infelizmente os medicamentos não entraram na lista de produtos especiais. Portanto, a taxa do IVA para os medicamentos será de 15% e não 7,5%. Não está na lista que nos foi apresentada na semana passada.

Eu passo agora a ler uma parte das GOP, o artigo 2.º, organização da acção governativa: «Os domínios prioritários de intervenção preconizado nessas Grandes Opções para 2023 assentam-se fundamentalmente nas áreas de infra-estruturas, transporte, atribuição de água e energia eléctrica às populações, melhorias no acesso e qualidade de prestação dos serviços de saúde, primando pela consolidação dos ganhos obtidos nas últimas décadas no domínio da educação; melhoria da produção agrícola e combate a insegurança alimentar; promoção do Sector do Turismo; apoio ao sector provado, sobretudo aos jovens empreendedores e com iniciativas empresariais.» Portanto, no fundo, isso vem por a nu aquilo que eu disse, nas GOP há uma orientação que não tem correspondência com o Orçamento Geral do Estado. Se formos fazer uma comparação breve entre este Orçamento e aquilo que foi o Orçamento de 2022, por exemplo o último Orçamento, a nível da Saúde, o programa de investimento público era de cerca de 241 milhões de dobras. Para este ano está previsto uma redução de quase 20%, é 184 milhões. Para a Juventude, essa redução vai a quase 50%. No ano passado era de Dbs.40.957.000,00 (quarenta milhões, novecentas e cinquenta e sete dobras), para este ano está previsto Dbs. 23.800.000,00 (vinte e três milhões e oitocentas mil). Juventude, uma área tão cara ao Sr. Primeiro-Ministro.

Agricultura, o sector produtivo, que devia ter um carinho especial, na lógica do aumento da produção local, no ano passado tinha uma verba prevista de Dbs. 175.260.000,00 (cento e setenta e cinco milhões, duzentas e sessenta mil dobras), para este ano apenas Dbs. 89.046.000,00 (oitenta e nove milhões e quarenta e seis mil dobras).

Estendendo agora aos nossos irmãos da Região Autónoma do Príncipe, o Programa de Investimento Público, no ano passado, Dbs. 60.823.000,00 (sessenta milhões, oitocentas e vinte e três mil dobras) que não chegava, agora foi reduzido a quase metade, Dbs. 32.020.000,00 (trinta e dois milhões e vinte mil dobras). Programa de Investimento Público na Proposta do Orçamento.

Portanto, para terminar, Sr. Primeiro-Ministro, lanço a minha segundo proposta, espero também que a nível da discussão na especialidade possam ser recolocadas algumas verbas que estão alocadas no Ministério das Infra-estruturas e Ambiente, porque como foi dito aqui, muitos dos investimentos que estão a ser feitos não vão se quer ter tempo material para ser executados. Há a questão dos concursos públicos, criação de TDR, prazos para cumprir, assinaturas de contratos, pagamento de 30%, portanto, até o final do ano não teremos hipóteses de concretizar algumas obras propostas. A minha proposta é que, em sede da especialidade, se retire 10,15% do montante que está alocado ao Ministério das Infra-estruturas e que seja distribuído, proporcionalmente, para as áreas da Saúde, Juventude, Agricultura e a Região Autónoma do Príncipe.

Muito obrigado.

*Aplausos do MLSTP/PSD.*

A Sra. **Presidente**: — Obrigada, Sr. Deputado Wuando Castro.  
Tem a palavra o Sr. Deputado Raúl Cardoso.

O Sr. **Raúl Cardoso** (MLSTP/PSD): — Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Primeiro-Ministro e Membros do Governo, Associações de Pessoas com Deficiência, que estão cá nesta Sala, Povo de São Tomé e Príncipe, boa tarde a todos.

Sr. Primeiro-Ministro, olho para o nosso país com muita preocupação. Eu não sou um cidadão relaxado. Não! Aliás, as pessoas que me conhecem perguntam-me por que é que me preocupo tanto com este país. Porque quando eu olho para São Tomé e Príncipe, Sr. Primeiro-Ministro, em termos de números, eu entro em pânico, muitas vezes. Porque nós temos um país, como já disse aqui muito bem, cujo Orçamento Geral do Estado é praticamente financiado pelas riquezas produzidas por outras nações. É este o País que nós temos. Um país que, quando nós vamos ver aquilo que é a vida de cada um de nós, a vida daqueles que não têm nada muitas vezes para sobreviver, dá para todos nós estarmos preocupados, mas muito preocupados.

O meu grande problema é que eu estava à espera que este Orçamento, no quadro daquilo que foi o discurso e a promessa que se fez a este povo, de haver uma solução, efectivamente vinha apresentar algum caminho para essa solução, mas não parece que está aqui. Não me parece.

Um país que tem dificuldades de alimentar o abastecimento de energia às populações, mas o Sr. Primeiro-Ministro disse aqui que é preciso encontrar a solução e que a solução está a caminho. Ou seja, teria já encontrado uma saída para isto. Só que eu continuo a dizer, Sr. Primeiro-Ministro, e já dizia no anterior governo. Esta solução que nós temos de produção de energia no nosso país é insustentável para um país como São Tomé e Príncipe. Insustentável! Pode-se eventualmente arranjar dinheiro agora, tapa-se o buraco hoje, amanhã volta-se a ter problemas, porque é preciso continuar a abastecer os geradores que nós temos, e nós não somos produtores de petróleo. Infelizmente ainda não somos. Espero que um dia possamos vir a ser.

Mas há uma questão que eu quero e gostaria que o Sr. Primeiro-Ministro me ajudasse, porque se efectivamente há uma saída, em termos de abastecimento de combustível, o Governo tem que agir. Como disse e muito bem, quer dizer que está encontrada eventualmente uma solução, mas há uma questão que eu quero saber, enquanto Deputado, porque não quero ser apanhado assim desprevenido, qual é esta a solução? Qual é a fonte de financiamento? Porque nós, enquanto Deputados, não podemos ser surpreendidos um dia que o Governo contraiu um crédito de X. Nós não sabemos e as pessoas perguntam, mas vocês ouviram isso? E nós somos apanhados assim em contramão.

Por isso, Sr. Primeiro-Ministro, quero apelá-lo que seria bom que, se há uma fonte identificada, que diga aos Deputados. Que diga aos Deputados quem vai assumir esse crédito. Porque, se é para combustível, assume o Estado ou assume a ENCO? Tudo isso tem que ficar muito claro. E em que condições São Tomé e Príncipe vai contrair esse crédito. É isso que eu gostaria, sinceramente, que me dissesse.

Em relação ao relaxamento, que estamos relaxados, Sr. Primeiro-Ministro, eu pessoalmente acredito que há muita gente no próprio Governo, incluindo o senhor, muito relaxada. Porque quando eu olho para este país, olho para as dificuldades que nós temos hoje de pagar os salários, e o senhor continua nas viagens constantes, utilizando o dinheiro que o País não tem, portanto, eu não sei quem é que está mais relaxado. Se é o cidadão comum ou eu, que sou Deputado, que não tenho a mínima noção daquilo que se está a fazer com o dinheiro do povo, mas que depois vai me chegando a informação daquilo que se está a fazer com o dinheiro do povo, e fico preocupado.

Portanto, eu não estou relaxado e acredito que muita gente como eu não está relaxada. Está, sim, muito, mas muito preocupada.

Muito obrigado.

A Sra. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Afonso Varela.

O Sr. **Afonso Varela** (ADI): — Sra. Presidente, eu estou convencido de que de facto somos a solução. Foi uma palavra de ordem mobilizadora e ganhadora, e eu acredito que isso esteja a causar até agora algum susto e bastante preocupação às pessoas. Mas percebam que isso é um *slogan* de campanha e encerra muita coisa, é o resultado de muitas coisas. A solução não é um dia. A solução é para cada um dos

problemas que se nos vão colocando. O MLSTP/PSD esteve no Governo, recrutou, eu creio, cerca de 900 professores, que não pagou. Então, era preciso encontrar uma solução e esse Governo encontrou a solução para pagar esses pais de família.

*Aplausos do ADI.*

Esta é uma solução. Então, as soluções vão sendo encontradas paulatinamente, porque a coisa está... a solução vai ser encontrada. Nunca se disse que num dia, eu insisto nisso, se iria construir 20 000 casas em São Tomé e Príncipe. Nunca se disse que a solução era construir 5 barragens. Mas a solução era viabilizar o País, era colocar o País nos carris, para que ele pudesse andar. Essa é a solução.

A outra questão que é também preciso esclarecer aqui tem a ver com a questão da sustentabilidade. Eu diria, com um ar, de demonstração de erudição, o Deputado Raúl vem dizer que essa solução de energia não é sustentável. Eu quero perguntar-lhe, qual é a solução que é sustentável para este país? Nenhuma. Ia dizer-me, fazer barragens, fazer painéis solares e muito mais. Isso é apenas sustentável do ponto de vista ambiental. Do ponto de vista de desempenho económico, não é sustentável nenhuma fonte geradora de energia. Por quê? Eu posso chamar um investidor amanhã de manhã, para vir montar-me 10 hectares de painéis e produzir não sei quantos *megawatts* de energia. Mas sabe o que ele vai dizer, eu quero ser pago, quero uma garantia. A primeira demanda de um banco tipo A. Ter uma garantia. Porque o senhor não vai pagar.

Eu até posso dizer-lhe mais: o senhor fica com a EMAE. Se nós próprios não queremos a EMAE, acha que algum investidor sério quererá a EMAE, que ninguém paga, que as pessoas escolhem pessoas?! Portanto, nenhuma dessa forma é sustentável para nós. Desenganem-se. Para a nossa economia, não é. Do ponto de vista meramente científico-ambiental, as energias renováveis são sustentáveis. Mas para a nossa economia, tire o cavalinho da chuva. Nenhuma dessas formas é sustentável. Não é!

Outra questão que eu quero trazer é relativamente ao Sr. Deputado Wuando Castro. Sei que Wuando é um rapaz que gosta de leitura. Aliás, eu disse rapaz, desculpa, é coisa nossa. O Sr. Deputado gosta de leitura, mas de facto não pôde ler todo o Orçamento. A Proposta de Lei do Orçamento, no Capítulo II, Execução Orçamental, artigo 8.º, Cobrança das Receitas, ponto 10, diz: «São isentos de todos os direitos aduaneiros impostos devidos na importação de produtos conforme o Código da Pauta Aduaneira a seguir indicado:». E se voltar para a outra página, vai ver, na linha n) «Medicamento». Portanto, ainda que a lei que aqui nós aprovamos dissesse que os medicamentos não estão isentos, há um princípio jurídico de base...

O Sr. **Wuando Castro** (MLSTP/PSD): — Sobre o IVA.

O Sr. **Afonso Varela** (ADI): — Então, não podia referir-se a mim, porque eu disse que os medicamentos, ainda que não estivessem, estão na Lei do Orçamento, na alínea n), Medicamentos, em todas as suas especialidades.

Sobre o IVA, gostaria de dizer qualquer coisa de muito importante aqui, ou pelo menos lembrar. Nós costumamos aqui dizer que é uma certa imposição, embora todos reconheçamos a importância disso. Mas eu gostaria de dizer que quem aprovou foi um parlamento, eu diria, do MLSTP/PSD. Aprovou desde 2019. Pergunto, por que é que, nem na sua forma mais rudimentar, esse governo não foi capaz, não quis ou não pôde fazer o IVA? Agora que nós, sobre constrangimento, temos que fazer o IVA, porque o Primeiro-Ministro já explicou aqui, porque sem isso não há o aval do FMI e, não havendo o aval do FMI, não temos ajuda ao Orçamento do Banco Mundial e não temos ajuda dos parceiros bilaterais, que também são membros do Banco Mundial e do FMI. Nós não teremos nada e o País ficará bloqueado. Então, ao invés de propormos, como disse aqui, ele não esteve e aproveitou a oportunidade, o Sr. Deputado Levy disse que era preciso encontrar-se formas, porque os problemas reais do País é que não conseguimos sustentarmos a nós próprios e andamos como que numa brincadeira de caça aos ratos, para tentar encontrar, nos detalhes, uma pequena, não diria falha, mas algo que nos permita transmitir uma ideia de que a situação será pior. Quando estive aqui, disse e é claro, ainda que o imposto fosse de 1% e eu eliminasse esse 1%, eu estava a colocar na disponibilidade no bolso do contribuinte, do utente, do cidadão mais 1%. E o Sr. Primeiro-Ministro disse que o IVA normal são 15%. Foi preciso discussões com o FMI, para se conseguir os 7.5% e não 15%. Seguidamente, alguém disse aqui que a taxa aduaneira era de 5% e o Primeiro-Ministro fez aqui as contas. Ainda que assim fosse, nós estaríamos a 12.5%. Mas não estaremos a 12.5%, mas sim 7.5%.

Agora pergunto, o que é que os senhores gostariam que este Governo fizesse? No meio disso tudo, é preciso que os senhores proponham qualquer coisa que seja razoável, que seja lógico e que consiga andar. Porque isso também de pretender transmitir uma ideia de que nós amamos tanto este povo e que queremos tirar todos impostos, não é verdade.

E eu aproveitaria aqui a oportunidade, antes de sair, para clarificar um aspecto da ciência fiscal. Isso tem a ver com a intervenção do Sr. Deputado José Maria. É verdade que é uma disposição neste documento que prevê que para carros novos as taxas sejam agravadas. E sugere o Sr. Deputado que se deveria agravar as taxas dos carros usados e, se calhar, não agravar os carros novos. Ora, isso pode parecer verdade, mas infelizmente não é. O Governo tende a encontrar um equilíbrio. Equilíbrio é o quê? É que, se nós olharmos para a quantidade de carros que entram para o País, perguntamos, quantos carros novos entram? Poucos. A grande maioria são carros usados, que têm um papel social fundamental como táxi e como viaturas de aluguer, ajuda a muitas famílias. É uma forma que muitos dos nossos imigrantes encontram para apoiar as suas famílias. Por isso, não podemos agravar isto. Ao agravarmos, o agravamento seria mínimo.

Agora, relativamente aos carros novos, nós utilizamos uma variável da fixação da taxa de imposto, que é a capacidade contributiva do contribuinte. Quer dizer, quando eu compro um V6 ou um V8, quando posso entrar e comprar um carro novo, quer dizer que tenho uma capacidade contributiva maior. E quem tem essa capacidade contributiva maior, hoje, é que está a comprar carros novos. Por isso, porque tem essa capacidade contributiva maior, tem de pagar mais. Não estamos a inventar nada. Nas variáveis que determinam a fixação da taxa dos impostos, entra esta variável, que é a capacidade contributiva, e ponto final. E é por causa disso que essa medida é uma medida certa, ajustada e uma medida com um alcance estratégico e de justiça bastante elevada.

Muito obrigado.

*Aplausos do ADI.*

A Sra. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado João Leonardo.

O Sr. **João Leonardo Batista** (MCI/PS-PUN): — Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Primeiro-Ministro, nós da Bancada do MCI/PS-PUN agradecemos, em primeiro lugar, as medidas que estão espelhadas nas Grandes Opções de Plano e do Orçamento, que vem realmente em direcção às pessoas que realmente precisam, medidas que vêm mitigar de certa forma as dificuldades que as pessoas têm.

O Sr. Primeiro Ministro falou aqui da margem do lucro dos produtos da cesta básica, em 10%. Preocupa-me muito essa margem de lucro à Região Autónoma do Príncipe, porque existem algumas cobranças que fazem aqui ao nível de mercadorias que vão ao Príncipe que achamos que não deviam ser feitas. Estou a falar de quando se compra mercadorias aqui para enviar para o Príncipe. O primeiro pagamento que se faz é logo à entrada da porta da Polícia Fiscal, que exige que se tire uma licença para as mercadorias que vão ao Príncipe. Eu não sei porquê. E isto não contribui para o Orçamento do Estado. Portanto, paga-se essa licença a um despachante, antes da mercadoria entrar no porto, sabendo que é uma mercadoria que já entrou no País, os despachantes já ganharam dinheiro com a mesma, mas exigem que se pague uma licença. O valor varia com a quantidade de mercadorias. Portanto, acho que não se devia cobrar, porque a mercadoria já entrou no País e o despachante já ganhou dinheiro com a mesma.

Independentemente disso, Sr. Primeiro-Ministro, não sei como é que esses 10% vão ser no Príncipe, porque a delegação da ENAPORT do Príncipe cobra tudo que entra no Porto do Príncipe. O que gostaria de saber, através do Sr. Ministro das Infra-estruturas, é se a Direcção Nacional da ENAPORT não paga salários e emolumentos aos seus funcionários. Porque numa conversa com o actual Delegado da ENAPORT, ele me disse que tem que cobrar para pagar horas extraordinárias e fazer algumas obras no Porto do Príncipe. Portanto, é a população que tem que pagar isso. É por isso que essa percentagem de 10%, no Príncipe, tem que realmente ser vista, como fazemos nos sectores compatíveis de fiscalização dos preços. Porque não sei se o comerciante do Príncipe vai conseguir manter as margens do lucro só em 10%.

Falou aqui também o nosso colega Deputado da Região Autónoma do Príncipe, Conceição Moreno, sobre o investimento de 2022, 60 milhões, e que actualmente o Governo apresentou aqui 32 milhões. É verdade, mas o que gostaria de pedir ao Sr. Primeiro-Ministro e ao Governo é que esse investimento de 32 milhões, pelo menos como estamos a 6 meses, fosse implementado a 50%. Porque se repararmos bem, dos 60 milhões do ano 2022 proposto pelo governo anterior, só investiram 17 milhões. O Príncipe realmente



compadece-se com a falta de muitas infra-estruturas. Colocar no papel que o Príncipe tinha 60 milhões e aplicar 17 milhões, isto não diz nada. Nós temos 32 milhões, neste momento, para investimento e há algumas obras que realmente o Príncipe precisa. Sabemos que em 6 meses não é possível a 100%, mas pelo menos gostaríamos que chegássemos a 50% de investimento na Região Autónoma do Príncipe.

Sr. Primeiro-Ministro, por ultimo, vou voltar a uma questão antiga que no passado já levantei, que não vejo aqui no Orçamento, a questão das casas dos sinistrados de Ponta do Sol. Já batemos nisso muito e o governo anterior fez 4 anos. Prometeu que ia fazer, mas não fez e não gostaria que este Governo também continuasse na mesma leva de que vai fazer e não fazer.

Eu não consegui descobrir aqui no Orçamento e gostaria de ter alguma explicação sobre essas casas de seres humanos que estão desalojados há mais de 4 anos. É muito triste isso.

Esta é a pequena contribuição que eu gostaria de dar, e futuramente, se houver mais alguma, volto a passar.

Obrigado.

*Aplausos do MCI/PS-PUN e do ADI.*

A Sra. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Pedro Carvalho.

O Sr. **Pedro Carvalho** (ADI): — Sra. Presidente, tenho umas questões e vou começar com aquilo que constatei nas Grandes Opções do Plano, onde vi que consta a preparação para 5.º Recenseamento Geral da População. O que peço é que a preparação e a execução desse trabalho seja um pouco diferente do que aconteceu em 2012, em que ficamos 4 a 5 anos a digerir os números. Acho que o senso é um instrumento também que ajuda o Governo a melhorar nalgumas questões.

Uma outra questão é que eu constatei, no âmbito das relações internacionais, redimensionamento das nossas embaixadas. gostaria que desse mais ênfase, sobretudo à nossa embaixada em Lisboa, porque nos últimos tempos todos nós sabemos que tem havido um fluxo de emigrantes nossos a se deslocarem para aquele país, sobretudo por causa de junta médica, mas também a nossa diplomacia nessas capitais tem que ser um pouco mais proactiva.

Eu lembro-me que, em 2015, o governo de então, que era do ADI, tinha um projecto em que se falava de certificação e credenciação de zonas e de produtos. Refiro-me àquele projecto sobre a certificação do cacau e do café. Não sei em que molde esse projecto está. Quando se fala do aumento da produção agrícola, lembra-me o Sr. Deputado e meu amigo Levy Nazaré, com que eu também concordo sobre o aumento da produção e quem sabe para termos alguma capacidade para exportar. Sabemos que os nossos produtos carecem de alguma certificação, temos que ver. Não sei se esse projecto é do Ministério da Agricultura ou do Ministério das Finanças.

Por ultimo, um deputado que me antecedeu levantou a questão sobre o peso do pão, que até o Sr. Primeiro-Ministro veio cá esclarecer. O que constatamos precisamente nos últimos 3, 4 dias é que há uma bomba de combustível, Sr. Primeiro-Ministro, que tem estado a vender gasolina que me parece que está adulterada. Portanto, junto à DERCAE, é bom que tenhamos a capacidade de reforço de fiscalização para essas bombas.

Muito obrigado.

*Aplausos do ADI.*

A Sra. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Osvaldo Abreu.

O Sr. **Osvaldo Abreu** (MLSTP/PSD): — Sra. Presidente, muito obrigado uma vez mais.

Gostaria, antes de entrar propriamente nas Grandes Opções do Plano e no Orçamento Geral do Estado, de parabenizar o Sr. Chefe do Governo, pelas últimas palavras que proferiu, quando nos pediu a todos contribuição, esforço e contenção. Tocou-me de facto e gostaria que esse pedido fosse real e que se revisse nele. Se fizermos uma trajectória sua nesses últimos 6 meses à frente do Executivo, os fracos recursos que temos e que está sendo mialhado por si e por outros membros do Governo, pode parecer-me um contra censo, mas gostaria de estar errado. Digo-lhe que eu estudei profundamente este Orçamento e fui ler Orçamento de 2022, de 2018 e de 2014, assim como os Programas de Governos. Passei 3, 4

semanas a fazer esse exercício. Tenho tempo e fi-lo. Estou de facto nutrido de informações para discutir números, ideias e propostas que foram aqui expostas.

O senhor falou-nos que conhece o País, e fico satisfeito também em tomar conhecimento disso. Disse-nos que alguns estrangeiros perguntam-lhe como é que estamos tão relaxados. Quem disse que estava relaxado, na última sessão, foi o Sr. Primeiro-Ministro, não fomos nós. Mas eu fico um bocadinho triste, porque quando nós estávamos aqui confinados, a lidar com o desconhecido mundial, outros diziam que estávamos a finger, estávamos a mentir à população, que não existia doença nenhuma, que era truque do MLSTP/PSD. Até que, lamentavelmente, e que Deus não nos oiça, alguns começaram a adoecer. Esconderam-se em casa, com riscos elevados, para não irem ao hospital de campanha. E os estrangeiros nos perguntavam: «mas aquelas pessoas da oposição não vivem aqui, não conhecem o País?».

*Risos e murmúrios do ADI.*

O Sr. **Afonso Varela** (ADI): — O senhor está a mentir.

O Sr. **Oswaldo Abreu** (MLSTP/PSD): — Sr. Afonso Varela, eu peço-lhe que não fale mais de aspectos energéticos, sem consultar pessoas que sabem isto. Na vez passada, deu o seu *chow* em relação à central de Caterpillar, com inverdades. Que trabalham a 50%, que um não trabalhou, que foi um erro, uma série de coisas. O senhor sabe que está errado.

Agora acabou de dizer uma barbaridade enorme, que energias alternativas não são a solução para o País. Porque nós precisamos de câmbios e coisas assim, a comparar a produção térmica com produção alternativa renovável. Sim, fez essa comparação. O Sr. Deputado sabe e nós sabemos que eu tenho Mestrado em Energia Térmica, e já discutimos isso várias vezes. Portanto, não fale mais de aspectos que desconhece.

Falando agora do OGE e das Grandes Opções do Plano, Sr. Chefe do Governo, tão realista que é e nos disse aqui que conhece o País, na leitura que fui fazendo, pela necessidade e enquanto membro deste Órgão, eu não encontro a sua visão, a visão do Governo para nos guiar para o future. Não vejo. Em 2008, não tinha visão nenhuma, quando foi primeiro-ministro, estava a começar, acredito. Em 2012, trouxe-nos, enquanto primeiro-ministro, uma visão. Falou de Internet, arroz, essas coisas.

*Murmúrios do ADI.*

Disse isso.

Em 2014, trouxe a visão Dubai, mais além. Era uma visão. Pelo menos, era uma visão.

*Murmúrios do ADI.*

Leia os documentos. Eu li os documentos anteriores. Sucede, porém, que agora, eu andei a rever, para além de nós resolvermos os problemas actuais, temos que pensar no dia seguinte, e isto não está aqui. Eu tenho aqui o Programa do Governo, que fala, na página 12, de «execução de um programa que assegure o desenvolvimento sustentável inclusive». Todas as medidas são paliativas de rotina, que já vimos fazendo. Estão aqui.

Fala, na página 13, «crescimento económico baseado na exportação», e não há medidas concretas que nos indique.

E mais, quanto às infra-estruturas, que estão praticamente apagadas nessas propostas, nem de energia, nem do aeroporto, nem do porto, nem de habitação, só as telecomunicações, com o projecto de fibra óptica, que nós angariamos no governo anterior.

E eu digo-lhe mais um detalhe. Nesse momento, nós temos 2 megawats de energia solar, no Porto de São Tomé e Príncipe. Está bloqueado, porque o Governo não permitiu que se instalasse 1.4 megawats no Aeroporto e 600 megawats na Região Autónoma do Príncipe. Está aqui o contrato assinado e o processo para se começar.

Quanto à questão muito falada aqui, da circulação de pessoas e bens. Eu queria ver alguma atenção especial em relação à circulação entre ilhas, que é o nosso calcanhar de Aquiles, de há muitos anos. Lamentavelmente, se me puder explicar, eu agradecia, porque não aparece no Orçamento.

Sr. Chefe do Governo, Srs. Membros do Governo, nós queremos contribuir, é verdade, esta é a intenção, mas não podemos admitir que venham e nos falem de solenidade e depois atirem farpas. Naturalmente, aqui nesta Casa, vamos responder. Se não for agora, será na sessão seguinte.

Muito obrigado, Sra. Presidente.

A Sra. **Presidente**: — São 14 horas, mas nós temos ainda dois inscritos. Vai depender desses inscritos, se querem fazer a sua intervenção amanhã.

Está inscrito o Sr. Vice-Presidente, para hoje ainda temos tempo, mas o tempo combinado vai acabar, porque ainda vamos ter uma intervenção do Governo, acho.

Tem a palavra a Sra. Deputada Beatriz Azevedo.

A Sra. **Beatriz Azevedo** (MCI-PS/PUN): — Sra. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro, Membros do Governo, Caras e Caros Deputados, nossos convidados, Técnicos da Comunicação Social, Povo de São Tomé e Príncipe, no país e na diáspora, boa tarde.

Eu tomo a palavra para juntar a minha voz à dos que me antecederam, neste exercício tão importante para a nossa Nação, São Tomé e Príncipe. Sem este instrument, governo nenhum pode fazer algo para a sua população. Grandes Opções do Plano e Orçamento Geral do Estado. Nas Grandes Opções do Plano, vai-se definir o que se vai fazer para um determinado Ano Económico e o Orçamento Geral do Estado vai dizer a quantidade, ou seja, o valor que o Governo precisa para que o que indicou seja realizado.

Às vezes, quando tomamos a palavra neste púlpito, nos esquecemos de muitas coisas. Eu já disse aqui várias vezes que nós temos que ter uma cara só. Quando é sim, é sim. Quando não é, não é.

Ouvi o Deputado a falar do tamanho do pão. Eu quero aqui perguntar, desde quando o pão começou a diminuir? Ou seja, quando é que a massa para fazer o pão começou a diminuir nas padarias de São Tomé e Príncipe? Eu quero aqui perguntar, o que foi feito para que o pão continuasse com o seu tamanho e com o seu valor? O que foi feito? Quando estamos à frente, tapamos o sol com a peneira, fazemos de conta que não vemos nada e quando estamos de fora, queremos exigir que o outro faça tudo o que não fizemos.

Acompanhei atentamente a intervenção de alguns deputados que me antecederam, sobre o acordo que deve ser feito para determinado assunto. Eu quero aqui dizer, se nós vamos fazer um levantamento ou procurar um dado estatístico, sair às ruas e perguntar à população, principalmente à camada jovem, quem quer se o arroz seja banido do Orçamento Geral do Estado, no acordo, e quem quer que o arroz fique, cerca de 80% da nossa população, principalmente jovens, vão dizer que querem que o arroz fique. Se nós vamos a um bar ou restaurante, falo de um barzinho, e eu sou dessas que vai para aqueles lugares diariamente, vejo as pessoas que vão para aqueles espaços comprar comida. Num universo de 50 jovens, se aparecer 3 a pedir banana, matabala, fruta-pão, produtos locais, é muito.

Os Deputados ensinam os filhos a comerem arroz, esparguete, macarrão, óleo, ao invés de óleo da palma. Eu já ouvi, várias vezes, Deputados a dizerem que ninguém come a banana em sua casa. Como é possível?

Sr. Primeiro-Ministro, Srs. Membros do Governo, o MCI, desde 2018, vem dando oportunidades para que o Governo faça algo para este país. No Orçamento de 2019, o MCI, com 2 Deputados, votou a favor do orçamento. Votamos a favor do Orçamento de 2020, de 2021 e em 2022 é que nos abstivemos, porque não vimos pelo menos aquilo que nós pensávamos que o Distrito de Caué seria contemplado, e vimos a necessidade de não avançar mais. E a nível do MCI,...

Sra. Presidente, posso?

Sr. Líder do ADI, posso?

Ok, muito obrigada.

*Aplausos do ADI e do MCI-PS/PUN.*

A Sra. **Presidente**: — O Governo também se disponibilizou em dar-lhe tempo. Vamos pegar o tempo do Governo ou do Grupo Parlamentar?

Do Governo? Quanto tempo? O tempo necessário? Vamos dar-lhe 10 minutos, para começar.

Tem mais 10 minutos, Sra. Deputada.

*Aplausos do ADI e do MCI-PS/PUN.*

Obrigada, Sr. Primeiro-Ministro, por me conceder tempo. Quando nós falamos a verdade, há sempre algo que fica a atíçar, e eu sei que muitos não gostam de ouvir a minha voz, mas é a minha voz, é o que Deus me deu, não tenho como alterá-la.

Então, como eu vinha dizendo, nós votamos em vários orçamentos do governo cessante, na perspectiva de ver melhorada a situação que enfrentava e ainda enfrenta a população do nosso Distrito. Demos a oportunidade para que o governo cessante fizesse algo, e contou várias vezes com o nosso apoio, em vários documentos que foram apresentados aqui nesta Casa Parlamentar.

Nós do MCI, Sr. Primeiro-Ministro, vamos viabilizar o Orçamento, porque queremos que o País avance.

*Aplausos do ADI e do MCI-PS/PUN.*

Já se parou muito tempo, já se ficou muito tempo a discutir as coisas que depois ficam na gaveta, e o nosso apelo é que o que está aqui e o que está nas Grandes Opções do Plano não fiquem na gaveta.

Sr. Primeiro-Ministro, faça algo para que esta população que sofre desde 1975 até hoje saia da situação que se encontra. Nós sabemos que a conjuntura nacional e internacional está complicada para todos, mas aquilo que poderá fazer juntamente com os nossos parceiros, façam alguma coisa.

Eu também apoio no primeiro eixo que foi aqui elencado, diminuir aquilo que é o fardo que a população mais carente, principalmente aqueles que vivem fora do Distrito de ÁguaGrande, vem sofrendo ao longo desses anos.

Eu quero aqui fazer um apelo, em termos de transporte, não só para a Região Autónoma do Príncipe, como falou o Deputado da Região, mas também a nível de outros Distritos, porque nós sabemos o quão pesada é a compra. Porque as pessoas hoje, se gastam 50, querem ganhar 500 e quem sofre com tudo isso, por causa da deslocação dos produtos, é a população que vai comprar lá a retalho. Porque muitos de nós aqui compramos o arroz a grosso, mas a população não consegue comprar um saco de arroz, vai comprar a retalho. E se nós pegarmos no valor de um saco de arroz, que é comprado aqui na cidade, se vamos retalhar por quilos, esses quilos é que a população mais desfavorecida compra. Vamos ver o quanto é mais caro 30 Kg de arroz, em relação a quem compra a grosso.

E é por causa dessa injustiça social que nós, com a ideia de fazer com que o País e os cidadãos são-tomenses sejam iguais, como manda a nossa Lei, que surgiu o MCI. O MCI surge com o objectivo de ajudar a população, principalmente aquelas populações que estão nas periferias, principalmente aqueles que estão nos Distritos, no caso dos pescadores, das *palaiês*, os vianteiros, as pessoas idosas. É por essas pessoas que o Movimento surgiu, para fazer a defesa dos mesmos. E enquanto Deus nos der vida e saúde, vamos fazer a defesa, exigindo aquilo que é de direito, porque nós não temos culpa de estarmos onde nascemos. São Tomé e Príncipe é Lembá, Caué, Região Autónoma do Príncipe e o todo. Mas ao longo desses anos todos, as pessoas foram vendo só ao seu redor.

Por isso, Sr. Primeiro-Ministro, Sr. Membros do Governo, o trabalho é árduo, porque se fosse fácil o senhor não estaria aqui. Como é um trabalho árduo, faça-o, porque nós da Coligação MCI/PS-PUN, queremos ver este país a sair da situação em que está. E conte com o nosso apoio.

Muito obrigada.

A Sra. **Presidente**: — Muito obrigada, Sra. Deputada Beatriz Azevedo, Líder Parlamentar do MCI-PS/PUN.

Temos agora dois inscritos, vamos fechar essa inscrição e depois é que convidamos o Governo a fazer a sua intervenção, para nós suspendermos a sessão de hoje.

Tem a palavra o Sr. Deputado Ekeneide Santos.

O Sr. **Ekeneide Santos**: (ADI) — Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Primeiro-Ministro e Membros do Governo, caros convidado, Técnicos da Assembleia e da Comunicação Social, muito boa tarde.

Eu peço aqui a palavra, porque eu ouvi atentamente tudo o que foi aqui dito hoje, perante esta discussão do Orçamento, eu tomei duas notas, e gostaria de apelar ao Governo duas medidas.

A primeira questão que eu levanto aqui, depois de todas essas medidas, tudo o que acontece, o Governo paga os salaries, faz investimentos, as receitas do Governo é uma questão que eu guardo comigo. O Governo, num comunicado, pediu ao Ministro das Finanças para que canalize as verbas das receitas para o Cofre do Estado, e essa é uma medida que eu gostaria que o Sr. Primeiro-Ministro tomasse. Eu dou

vários exemplos. O Estado, Sr. Primeiro-Ministro, não pode continuar a pagar salários a várias instituições do Estado, mas as receitas ficam naquelas Instituições. Eu continuo a perguntar, nós temos problemas financeiros, em São Tomé e Príncipe, nós não temos dobras, onde é que está a nossa dobra? É o único país que a usa, onde é que está? Tem que estar em São Tomé e Príncipe. A nossa dobra tem que estar aqui. Onde é que ela está? Está distribuída aqui nalguns sectores que se acham donos de São Tomé e Príncipe. Não pode!

*Aplausos do ADI.*

Algumas instituições do Estado, algumas Direcções. Sr. Primeiro-Ministro, o dinheiro é do Estado e poderia ser alocado para esses sectores, se fosse bem aplicado, mas não está a ser bem aplicado.

Eu dou vários exemplos, há instituições que, pelo facto de entenderem que têm autonomia administrativa, financeira e patrimonial, fazem o que querem com o dinheiro do Estado, mas quando não têm dinheiro para pagar o salário, é o Governo que tem que batalhar para pagar o salário. Não pode continuar assim!

Por isso, que eu gosto, Sr. Primeiro-Ministro, se for para o País continuar da forma que está, não faz sentido. Como o senhor sempre diz, eu venho para trabalhar e é por isso que nós estamos aqui hoje a discutir isso. Há instituições que não precisam de receitas do Estado. As receitas do Estado devem ser canalizadas para os sectores do Estado. Eu dou exemplo bem simples, também já discuti isso aqui com a ministra da Saúde e outros ministros. Eu pensava que as universidades pagavam os salários com as propinas dos alunos, mas não. O Estado paga os salários às universidades e escolas todas, mas as propinas são geridas pelos gestores dessas instituições. Eu gostaria que fossem bem geridos. Como não se chama a ninguém à responsabilidade, em São Tomé e Príncipe, infelizmente, só de 4 em 4 anos que se faz auditoria, passa-se 4 anos e cada um faz o que quer. Portanto, essa questão de todas as direcções quererem ter uma autonomia administrativa, financeira e patrimonial, eu principalmente não sou a favor. Sr. Primeiro-Ministro, aqui tudo é pequeno, consegue-se fazer despachos com ministros. Autonomia é para sítios distantes que não se consegue fazer despacho com o ministro, com o Primeiro-Ministro. Aí sim tem que haver uma autonomia, para resolver os problemas, como por exemplo o caso da Região Autónoma do Príncipe. Aqui em São Tomé, se calhar, não precisamos. Portanto, essa é uma questão.

A segunda questão, Sr. Primeiro-Ministro, é sobre a inclusão social. Em São Tomé e Príncipe, todos nós não podemos estar no mesmo escalão social. O que eu quero dizer? Aqui em São Tomé e Príncipe, eu dou exemplo dos Deputados, se uma consulta nos custa 10 dobras, custa o mesmo a qualquer povo pequeno, mesmo que não tenha emprego, não tenha rendimento. Pagam o mesmo valor que nós, os Deputados, pagamos. Por exemplo, alguém que ganha 20 000 dobras, alguém que ganha 30 000 dobras, todos nós pagamos a mesma propina.

Então, o que eu quero dizer, Sr. Primeiro-Ministro, é que, a partir de agora, olhe para as pessoas que realmente podem pagar e os que não podem pagar. Isso é um trabalho da Segurança Social. Quem paga o quê e quem não paga. Há 4 anos, sensivelmente, eu vi a directora de uma escolar, que disse aos alunos, na altura, que quem não fez a matrícula não podia entrar para a escolar. Eu fui lá perguntar àquela Directora da escolar, por que é que aqueles alunos não podiam entrar para a escolar. Porque era numa zona onde eu estava muito próximo. Ela disse-me que os alunos não tinham feito a matrícula. Eu percebi que os alunos não tinham em falta só a matrícula, como também não tinham chinelos, não tinham batas. Portanto, há quem pode pagar e há quem não pode, mas em São Tomé e Príncipe colocamos todos no mesmo barco, o que não pode estar a acontecer. Por isso, tem que haver uma política de quem vai pagar, qual é o escalão. Quem ganha bem, paga a saúde bem, paga a educação bem.

*Aplausos do ADI.*

E quem é desempregado, não tem salário, não tem rendimentos, distritos mais pobres, que não podem pagar, não pagam. É assim em qualquer parte do mundo.

Portanto, são essas duas recomendações que eu deixo à reflexão de todos, porque São Tomé e Príncipe não foge à regra. Nós somos o único país que eu conheço que a questão da Segurança Social não funciona como gostaríamos que funcionasse. Portanto, há pessoas que devem pagar, há outras que não devem e não conseguem pagar. E não conseguem porque não têm rendimento para pagar. Isso vai servir para a educação, para a saúde e para outros serviços básicos aqui da cidade. Nós vemos pessoas nas ruas

à procura de dinheiro para pagar o Bilhete de Identidade. Então, há quem pode pagar e outros que não podem.

Então, é uma questão que eu deixo como recomendação ao Governo.

Muito obrigado.

*Aplausos do ADI.*

A Sra. **Presidente**: — Muito obrigada, Sr. Deputado Ekeneide Santos, Presidente do Conselho de Administração.

Tem a palavra o Sr. Deputado e Vice-Presidente, Abnildo d' Oliveira, que vai fechar as intervenções.

O Sr. **Abnildo d' Oliveira** (ADI): — Sra. Presidente, duas notas.

Depois de ouvir Sua Excelência o Sr. Primeiro-Ministro, fiquei como que esvaziado. Naquele momento, para mim, o debate sobre o Orçamento, na sua generalidade, encerrega. E suscitou, obviamente, alguma reacção, normal nesse palco, mas nessas reacções, não vou ser advogado do Sr. Advogado Afonso Varela, mas quem está na Sala percebeu muito bem que o que disse não foi na esteira da reacção do Sr. Deputado Osvaldo Abreu. Eu sei que cada um tem a sua especialidade, nas diversas áreas, eu não quero entrar nessa discussão. Há quem é Engenheiro Químico, há quem é Engenheiro Mecânico, Electrotécnico, há quem é Jurista, quem é Economista, cada um com sua especialidade. E nota-se, em São Tomé, que as vezes há pessoas que querem puxar mais a corda para o seu lado, dominam tudo, e que mais ninguém pode opinar, o que não pode ser verdade. Pode ser especialista, sim, mas *sebê ca sa montchi ê tê já ê ca ngana nguê*.

Quanto à questão da sustentabilidade, que disse o Sr. Deputado Afonso Varela, disse que sustentabilidade ambiental, sim senhor, mas sustentabilidade económica, em que medida, em que variante? Energia térmica? Energia solar? Foi nesses termos que eu pude perceber. E muito honestamente, Sr. Deputado Osvaldo Abreu, não quero entrar nesse enlace de troca de galhardete, mas venho responder justamente a si. Até podia usar o direito de defesa à honra, enquanto partido político, porque nós todos sabemos que o único partido de oposição, em 2018/2022, foi o ADI. Todo o resto estava junto, em conjunto. Como é que o senhor ousa dizer essa inverdade? Eu digo inverdade por uma questão politicamente correcta, pelo sentido de Estado e a responsabilidade que tenho. Acusar o ADI de, na altura da COVID-19, estar a propalar pelos cantos que não havia COVID-19?! Isto é uma inverdade, e eu provo. Os senhores têm a noção, na Rádio Nacional, porque vocês todos estavam juntos, em conjunto, misturados, um alto dirigente da República disse num programa do Silvério Amorim, que o País não tinha COVID-19, coisíssima nenhuma, que mandaram o resultado para o Gabão e que alguém tentou adulterar. Não ouviram isso?

*Aplausos do ADI.*

E que essa pessoa que tentou adulterar lá no laboratório do Gabão não era são-tomense e não gostava de São Tomé e Príncipe. Isso foi dito na Radio Nacional, por um alto dirigente da República. Eu neste palco reagi, mas os senhores nunca pediram desculpa, quanto a isso. E quem assumiu, quem foi dizendo que o País não tinha COVID-19, que estava a esconder o relatório, e o relatório do Gabão e dos Camarões são os relatórios de referência na nossa sub-região. E foram os senhores que estavam a esconder o resultado, dizendo que não. E essa figura a quem estavam a imputer isso, dizendo que mandou adulterar o resultado da COVID-19, é o Sr. Patrice Trovoada.

Muito obrigado.

*Aplausos do ADI.*

A Sra. **Presidente**: — Muito obrigada, Sr. Vice-Presidente.

Tem a palavra o Governo, para uma intervenção.

O Sr. **Ministro das Finanças e Economia Azul** (Ginésio da Mata): — Sra. Presidente da Assembleia, Sr. Primeiro-Ministro, Governo, Sras. e Srs. Deputados, boa tarde.

Eu venho aqui para, na senda deste debate, tentar responder a algumas questões que foram colocadas, sendo que a maioria delas deverá ser tratada na sede da especialidade.

O Sr. Deputado José Maria Barros teria feito referência, de facto, há um erro, na página que referiu cita Julho, quando na verdade deveria dizer Junho, relativamente à data da entrada em vigor da Lei do IVA.

O Sr. Deputado Adllander Matos, quando fez referência à questão do Programa de Protecção Social, sabe que aquele programa era circunscrito a horizonte temporal próprio e com um financiamento dedicado. Portanto, à nascença já se sabia a data do fim. Nesse momento, o Programa regressou à sua base inicial, entretanto, está-se a negociar com o parceiro a possibilidade de voltar a conseguir um financiamento adicional para a sua extensão. Digamos que eventualmente poderemos não atingir o número que se tinha no tempo do COVID-19, mas se está nesse processo negocial. Há algumas dificuldades nesse processo, por conta da gestão que se fez do programa anterior. Como sabe e bem, no início do programa, foi contratualizada uma firma para a entrega de uma base de dados que devia fazer a gestão. Essa base de dados foi paga, mas não foi entregue, o que levou a que a gestão de todo o processo fosse feita numa folha de Excel. E toda gente aqui já ouviu falar de uns cartões que andaram por aí nas mochilas, nas bolsas, nas gavetas de algumas firmas...

*Aplausos ADI.*

...portanto, recursos que se fossem bem geridos, poderia atender a um maior número da população. Entretanto, eles foram concentrados e algumas pessoas, que tinham cartões com designação de um beneficiário que nunca chegou a ver a cor do recurso.

Relativamente à questão da conta da Segurança Social, de facto há uma falha e vamos ter que corrigi-la. Mas se o Sr. Deputado reparar bem, na coluna ao lado, o erro já vem. Nos exercícios anteriores, as contas que foram ratificadas, repare lá na coluna 2022, as contas que foram ratificadas por si, enquanto responsável tutelar, já vinha com esse *gap*. Na mesma tabela em que leu a cifra de 2023, na coluna ao lado, tem a cifra de 2022, e a despesa está sempre superior à receita. Seguramente, o Instituto de Segurança Social deve ter uma fórmula mágica que faz a gestão do processo. Mas a forma da apresentação, de facto, está errada, um orçamento deve ser sempre equilibrado. Quer dizer que falta alguma informação, que neste momento não temos, vamos ter que recorrer aos serviços para que seja dada a devida explicação.

Apenas para dizer que o erro já vem de exercícios anteriores.

Quanto ao Sr. Deputado Gabdulo Quaresma, que se referiu ao GIME, a informação está no Orçamento. Poderá vê-la na página 46, detalhamento. Existe lá uma verba para o GIME. Mas se o GIME tem hoje 9 meses de salários em atraso, não é por culpa deste Governo, porque este não tem 9 meses.

*Aplausos do ADI.*

O Sr. Deputado Wuando Castro, uma vez mais, porque já tinha sido colocada esta questão aqui e o Sr. Primeiro-Ministro já tinha respondido, creio que o Sr. Deputado Afonso Varela também, mas voltou a frisar a questão da data de apresentação da Proposta. A nossa dependência perante os parceiros externos é tanta que não é possível fazer-se isso. E no contento em que iniciamos a governação, com a suspensão do programa com o FMI, por conta da derrapagem que teve no programa anterior, era preciso que se chegasse primeiramente a um acordo de princípio, a partir da qual devíamos formular a Proposta do Orçamento. Sem o acordo com o FMI, não é sustentável estarmos aqui a fazer esse exercício. Seria um mero paleio nós estarmos aqui a discutir questões que não dependem de nós. De todas as necessidade que nós temos, a implementação efectiva das acções ainda está na dependência da, digamos, bondade alheia. Se o parceiro, por algum motivo, decidir não nos transferir o recurso prometido, todo esse exercício deixa de ter qualquer sentido.

Ainda o Sr. Deputado Wuando Castro referiu que não encontra qualquer acção que vise a promoção do emprego. É preciso dizer que o Governo deve adoptar acções com vista à promoção do emprego, mas o emprego tem que passar a ser gerado pelo sector privado. Na semana passar, nós aprovamos aqui uma lei visa exactamente isso, a promoção do investimento privado. Por outro lado, de forma indirecta, com a implementação dos projectos de investimentos que constam do Orçamento, haverá, ainda que precário, a criação de alguns empregos. Portanto, para dizer que sim, na Proposta do Orçamento e das Grandes Opções do Plano estão previstas acções que visam a promoção do emprego.

Outra citação que foi feita aqui é que não encontra a correlação das GOP e do OGE, relativamente a algumas áreas como o turismo, e por aí afora. Primeiro, para clarificar que nem tudo que é inscrito nas Grandes Opções do Plano encontra o reflexo financeiro no Orçamento Geral do Estado, porque algumas

acções devem ser desenvolvidas pelo privado. E as acções desenvolvidas pelo privado não constam do Orçamento Geral do Estado. Portanto, isso frequentemente faz-se. Inclusivamente no relatório da 2.ª Comissão é feita essa referência de que não há correspondência entre as GOP e o OGE. É que nem tudo que vem nas GOP deve estar no Orçamento, porque, enquanto opções de políticas, algumas delas são implementadas por privados e não pelo Estado.

O Sr. Deputado Raúl Cardoso falou da dependência do financiamento externo e depois falou da questão do crédito, evocou aqui a expressão necessidade, mas com a exigência de que não gostaria de ser surpreendido com um crédito X, Y, Z e por aí adiante. Só para dizer que, perante a situação que foi aqui narrada, o Governo não está de braços cruzados à espera do dia final que o mal aconteça, depois para associar-se ao grupo de lamentações. Esta não é a acção do Governo. O Governo deve agir e encontrar a solução para o problema, quando surgir.

No domínio do crédito, a Lei é clara. O Governo tem a responsabilidade de negociar, contratualizar e depois submeter ao Parlamento. Neste momento, está-se a negociar uma linha *swap* de divisa para garantir o abastecimento de combustível no País. Quando o processo ficar concluído, o Governo trará, conforme dita as leis, ao Parlamento, para a informação das Sras. e dos Srs. Deputados.

O Sr. Deputado João Leonardo falou, dentre outras coisas, particularmente da questão do abastecimento à Região Autónoma do Príncipe e falou também da questão das casas. São as casas que tinham sido incendiadas na Ponta do Sol, não é isso? Eu vou relacionar a questão do abastecimento com uma preocupação que levantou aqui o Sr. Deputado Conceição Moreno, relativamente ao subsídio de isolamento.

Relativamente ao abastecimento, há medidas que já foram adoptadas pelo Governo, no sentido de, primeiro, isentar de todas as taxas o produto, tanto em São Tomé como na Ilha do Príncipe, e particularmente na Ilha do Príncipe, garantir o transporte desse produto para que o operador não adicione o custo do transporte ao preço para traspasar para a população ao nível da região.

Igualmente na questão da do combustível, também o Governo subvencionou, aliás o transporte já vinha sendo subvencionado, e agora subvencionou mais uma sobra para que o combustível fosse vendido na Região ao mesmo preço que é vendido na Ilha de São Tomé.

Relativamente à questão do combustível, às vezes o discurso de vitimização só não vale. Se nós formos para Caué, o preço do combustível é diferente daquilo que vende em Água Grande. Dir-me-ão que em Caué não há nenhuma bomba formal. Então, as pessoas que vendem combustível no Distrito de Caué, vêm comprar, então incorporam o custo do transporte até Angolares, Porto Alegre e vendem. Portanto, sendo uma actividade privada e comercial, as pessoas que trabalham nesse domínio têm que, necessariamente, não ficar no prejuízo. Por isso, o problema no custo do combustível não é apenas na Região Autónoma do Príncipe. É verdade que se tem que encontrar uma solução sustentável para que efectivamente tenhamos as condições de ter os preços dos produtos iguais em todos os pontos do País, mas até lá vamos ter que contar com aquilo que nós temos.

A questão das casas, esse assunto está sendo tratado com a empresa petrolífera TOTAL e, no âmbito da discussão na especialidade, trar-se-á mais elementos.

O Sr. Deputado Pedro Carvalho falou da questão do combustível, do recenseamento da população, vamos ter que trazer melhores elementos na próxima sessão.

O Sr. Deputado Osvaldo Abreu estava à procura da visão no Orçamento...

*Risos do ADI.*

Nem nas GOP nem no Orçamento vai encontrar visão. O dia do Programa do Governo já passou.

*Risos e aplausos do ADI.*

Portanto, os dois instrumentos que estamos aqui a debater hoje são instrumentos que têm um tempo de vida bastante limitado, curto prazo, e em particular nesse, nas circunstâncias em que estamos a discutir, são 6 meses. Portanto, não vamos procurar visão numa coisa de 6 meses. Temos que olhar aqui, andar um passo de cada vez e ir resolvendo. Portanto, a visão ter-se-ia encontrado no Programa do Governo. Está lá. O Programa do Governo, sim, tem a visão. Aqui nas GOP e no Orçamento Geral do Estado, são acções concretas.



O Sr. Deputado Ekeneide Santos referiu-se e bem à questão da centralização dos recursos do Estado na conta única do Tesouro. É uma decisão que o Governo já tomou e estamos a trabalhar no sentido de concretizar essas acções.

Obrigado.

*Aplausos do ADI.*

A Sra. **Presidente**: — Muito obrigada, Sr. Ministro das Finanças.

Vem mais alguém do Governo?

Não? Não vem mais ninguém do Governo?

Então, só nos resta agradecer a todos e a todas. Srs. Deputados, Sras. Deputadas, Sr. Primeiro-Ministro e Chefe do Governo, Srs. Ministros, Sras. Ministras, técnicos da Assembleia, o pessoal de apoio à Assembleia, técnicos que asseguraram a transmissão da nossa discussão do OGE e das GOP para o Ano Económico 2023, em directo, técnicos das televisões aqui presentes, o nosso muito obrigado.

Temos os nossos visitantes da Associação de Pessoas com Deficiência, obrigada.

Vamos suspender os trabalhos, retomaremos amanhã às 9 horas.

*Eram 11 horas e 55 minutos.*